

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

Mônica Melchionna Albuquerque

A cidade labirinto:

Tecer encontros, encontrar caminhos

Porto Alegre

2018

MÔNICA MELCHIONNA ALBUQUERQUE

A cidade labirinto:

Tecer encontros, encontrar caminhos

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Linha de Pesquisa: Psicanálise, teoria e dispositivos clínicos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Gageiro

Porto Alegre

2018

MÔNICA MELCHIONNA ALBUQUERQUE

A cidade labirinto: tecer encontros, encontrar caminhos

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Gageiro - UFRGS
Presidente da Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Jacqueline de Oliveira Moreira – PUCMG

Prof^a Dra^a Lilian Rodrigues da Cruz - UFRGS

Prof^a Dr^a Vera Pasini – UFRGS

Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão,

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura;

À Prof^a Dr^a Ana Maria Gageiro pela orientação e acolhida desta pesquisa e das angústias em percorrer este caminho;

Ao Centro de Promoção da Criança e do Adolescente, instituição que executa o Serviço Ação Rua;

Às professoras Jacqueline de Oliveira Moreira e Vera Pasini pelas valiosas contribuições e apontamentos fundamentais na construção desta pesquisa;

Ao grupo de pesquisa, o pequeno e o grande, por todas as experiências compartilhadas;

Aos colegas da turma do mestrado, pelas trocas e boas risadas no percurso;

À Marina Gregianin pela escuta sensível das angústias e por podermos compor juntas este mestrado;

À Equipe Ação Rua Lomba do Pinheiro, pelo trabalho cuidadoso e incentivo.

À Natália Lacerda, minha querida dupla, pelo tempo juntas, pelas caminhadas, pelo apoio incondicional e trocas infinitas .

Às queridas crespas, Josiane, Giane e Simone, pela acolhida sincera e amorosa, pelos ensinamentos e momentos juntas;

À Equipe Ação Rua Partenon, pelo desafio lançado, pelas novas amizades e descobertas;

Às queridas Letícia, Karen e Giane por tudo o que foi e como foi e por seguirmos na vida;

À minha mãe, minha melhor amiga e colega, pelo amor sempre, pelo incentivo, por me acompanhar e também me deixar seguir.

Ao meu pai, em sua memória, por honra ao seu destino.

Ao Luís pelo cuidado, incentivo e carinho.

Às minhas irmãs, Patrícia e Luísa, pela presença na minha vida.

Aos meus avós, Lourenço (in memoriam) e Marina, pelo apoio e pelo amor.

Ao Vantoir, meu companheiro, pela paciência e amor acima de tudo.

À minha filha, Marina, por tudo que me ensina nos seus seis anos de vida, pela leveza e bom humor e os incontáveis beijinhos carinhosos.

E finalmente, pelo encontro com Eduardo, pelos afetos neste labirinto.

RESUMO

Albuquerque, M. M. (2018). A cidade labirinto: tecer encontros, encontrar caminhos. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

O presente trabalho de pesquisa parte da experiência enquanto técnica social do Serviço de Abordagem Social – realizado no Centro de Referência Especializado de Assistência Social- na cidade de Porto Alegre, que possui em seu fazer o encontro com adolescentes que fazem da rua seu espaço de moradia e sobrevivência, visando a garantia de direitos e proteção social. Esta dissertação, trata de como a psicanálise insere-se nesse encontro, em sua dimensão clínica, ética e política e tem como objetivo trabalhar a potência do encontro e o que é possível produzir, operando a partir do pressuposto de uma psicanálise implicada ao social, que articula o sujeito de direitos com o sujeito do desejo. Abre-se espaço, no momento do encontro, para que o sujeito advenha e produza algo novo a partir desta relação, na qual se é testemunha de uma narrativa. Possibilitando o rompimento de um círculo de repetição. Para isso, a pesquisa conta a trajetória dos encontros de Eduardo e Mônica, um adolescente e uma psicanalista que produzem juntos. Tais encontros acontecem no cenário da rua ou instituições públicas. Assim, na dissertação, utilizamos a imagem do labirinto e do mito do herói grego Teseu para ilustrar as diversas passagens, armadilhas e caminhos repetidos ao longo deste percurso. Aborda-se também, com isso, a questão do território e do laço social contemporâneo na produção da subjetividade dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social e a potência da escuta na relação transferencial, que coloca a palavra a circular, em sua dimensão de experiência compartilhada, de testemunho e do resgate da história do sujeito. Usa-se como método a pesquisa psicanalítica e o pesquisar com. Eduardo é convidado a ter uma posição ativa na pesquisa em que seus raps e a escrita entram como possibilidade de narrar, de compartilhar uma experiência e criar a partir dela.

Palavras-chave: Encontro; Psicanálise; Adolescência; Cidade; Narrativas

ABSTRACT

Albuquerque, M. M. (2018). The maze city: weave matches, find ways. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

The presented research stems from the experience as Social Approach service's social technic – realized on the Specialized Reference Center for Social Assistance – in the city of Porto Alegre, which has as duties the meeting with adolescents who have made the streets their own space of living and surviving, aiming the guarantee of their rights and social protection. This essay deals with how the psychoanalysis is inserted on this meeting, on its clinic dimension, ethics and politics. has as objective to work the power of the encounter and what it is possible to produce, operating from the presupposition of a psychoanalysis implied to the social, that articulates the subject of rights with the subject of desire. It opens space, in the meeting occasion, where the subject can create new situations from this meeting, which we are testimony of a narrative. Enabling the breaking of a repeating circle. The research count with the meeting between Eduardo and Mônica a teenager and a psychoanalyst who work together. The mentioned meetings are arranged on the street space or on public institutions. Therefore this dissertation we work with the picture of the maze and the myth of the Greek hero Teseu to illustrate the variety of passages, traps and retake ways during the course. It approaches the question of the territory and the contemporary social bond in the production of the subjectivity of the adolescents in situation of social vulnerability and the power of listening in the transference relation, which arranges the word to circulate into its shared dimension, testimony dimension and through the subject's rescue history. The psychoanalyst research and the search with the subject's presence are used as methods, thus, Eduardo is invited to have an active position on the research, where his writes and raps are used as a possibility to share and narrate and to beget from them.

Key words: Meeting; Psychoanalysis; Adolescence; City; Narrative

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A CIDADE LABIRINTO.....	15
1.1 O sujeito e suas movimentações: a rua, a cidade – territórios possíveis.....	18
1.2 Entre territórios e litorais: a experiência do encontro.....	24
2 A PSICANÁLISE NA PÓLIS.....	29
2.1 Narrar, cantar, pesquisar com Eduardo.....	33
2.2 ENCONTROS DE EDUARDO E MÔNICA.....	37
2.3 Percorrendo o labirinto.....	42
3 ENTRE CAMINHOS REPETIDOS E NOVAS PASSAGENS.....	46
3.1 Repetição e transmissão.....	47
3.2 O laço social, a repetição do lugar da exclusão.....	52
3.3 Repetir, criar e elaborar.....	54
4 CONVITE AO TESTEMUNHO: PRODUÇÕES DE EDUARDO.....	57
4.1 A história de um vagabundo.....	59
4.2 Diga não ao crime.....	61
4.3 Protesto.....	62
4.4 Sem título.....	63
4.5 Menino Vida Loca.....	65
4.6 Oração de um detento.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	76

INTRODUÇÃO

A possibilidade de estar na rua e nela tecer encontros entre a psicanálise e adolescentes que fazem deste espaço sua moradia, se inicia a partir da experiência enquanto psicóloga, técnica social, do Serviço de Abordagem Social - Ação Rua, em Porto Alegre¹. Vivenciando estes encontros, na rua, com a cidade, a metodologia do serviço Ação Rua², está colocada na aproximação das crianças e adolescentes em situação de rua moradia e trabalho infantil a partir da abordagem, da formação de vínculo e do acompanhamento destes e suas famílias. Assim, para além da identificação das situações de rua moradia e trabalho infantil, o serviço que é desenvolvido no Ação Rua segue a ênfase na construção do vínculo com quem acompanhamos para que seja possível criar estratégias de enfrentamento dos riscos e vulnerabilidades nos quais vivem esta população.

Nesse sentido, o fazer neste serviço opera em mapear, observar, conhecer um determinado território e a partir desta apropriação - deste olhar atento aos movimentos e ações de crianças e adolescentes que transitam na rua, carregando a marca do trabalho infantil ou utilizando-a como sua morada - promover e garantir a proteção social e os direitos destes sujeitos e suas famílias. Neste acompanhamento, estabelecer um vínculo com quem está na rua é o início e a pedra angular do trabalho, tendo como meta que as crianças e os adolescentes possam retornar para o convívio familiar e comunitário, ocupando novamente um lugar na família, na comunidade, construindo um território próprio, singular, a partir do que lhe for possível.

Quando tratamos da proteção social e garantia de direitos para crianças e adolescentes também atuamos de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei N. 8.069/90), sendo que, a partir de 1959, com a Declaração dos Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da ONU, “a criança deixou de ser considerada objeto de proteção (recipiente passivo), para ser erigida a sujeito de direito ... a infância passou a ser considerada

¹ Em Porto Alegre o Ação Rua é desenvolvido através de convênio da prefeitura local com entidades não governamentais. Possui uma equipe composta por um articulador institucional (cargo de nível superior), dois técnicos (cargo de nível superior, preferencialmente um assistente social e um psicólogo) e quatro educadores sociais (cargo de nível médio). Passo a fazer parte da equipe como técnica social (psicóloga) em outubro de 2009 na região Lomba do Pinheiro. Atualmente, componho enquanto articulador institucional, a equipe da região Partenon.

² Se constitui em um serviço ofertado pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), conforme Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, com a finalidade de “assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras” (BRASIL, 2009, p. 31). O Serviço Ação Rua iniciou em 2007, em Porto Alegre, e segue em execução ainda hoje, com a ampliação para abordagem social também de adultos em situação de rua.

um sujeito coletivo de direitos”. O Estatuto da Criança e do adolescente consolida, no Brasil, a noção das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, constando em seus artigos 1º ao 6º, as disposições sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, tratando-os como sujeitos que gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana “a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”. (ROSSATO et al, 2015, pp. 45-57)

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social, garantir a proteção social, requer o conhecimento e apropriação do contexto que estão inseridos os sujeitos, entendendo-os como parte de uma situação social coletiva, supõe conhecer os riscos e as vulnerabilidades sociais a que estão expostos. Aponta também para a escuta do desejo em superar a situação em que se encontram, marcando um olhar para suas potencialidades, que possam dar condições para superação da violação dos direitos sociais. “A proteção social exige a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos, vulnerabilidades se constituem”. (PNAS, 2004, p.15)

As crianças e adolescentes que acompanhamos no serviço Ação Rua, são sujeitos que possuem seus direitos violados, em diversas esferas do desenvolvimento. Sendo assim, nos questionamos e buscamos adotar uma escuta que, considere a especificidade de tais pessoas e situações. Escutando o sujeito do inconsciente, sem deixar de com ele buscar e acessar os direitos acima referidos. Diz de uma posição do analista, onde é possível deixar emergir, diante do contexto do sujeito, sua singularidade e a partir disto, construir formas de estar e agir na rua.

Queremos destacar, enquanto objetivo geral desta pesquisa, a potência do encontro com estes adolescentes, tomando como problema a ser investigado o que é possível se produzir neste encontro, operando com a psicanálise, na escuta de tais sujeitos. Existe, como veremos, uma especificidade de tal encontro, que se constitui em um ir ao encontro do adolescente, muitas vezes, sem que ele mesmo solicite a intervenção do analista. Poderíamos chamar de uma inversão da demanda de atendimento, quando o desejo parece estar do lado do analista, fazendo este um empréstimo de seu desejo para que se faça necessário e pertinente a intervenção, o espaço de escuta e de circulação da palavra.

Assim, a produção deste encontro requer a presença. Para agirmos na rua, necessitamos estar presentes nela, participando de seu movimento dinâmico, explorando seus meios, seus mapas. Deleuze (1997), nos coloca que os mapas, as cartografias, avaliam deslocamentos, não buscam uma origem, tratam de um inconsciente que lida com trajetos e devires, em suas intensidades.

Atuamos nesta linha tênue da política de proteção social, entre os direitos e os desejos a serem garantidos. Ao invés de pensar esta linha como delimitadora de dois campos distintos: direitos e desejos, estaremos pensando como um fio que tece estas duas dimensões, as costura e também acompanha sua trama. Movimento em que “a política apresenta-se em duas faces: não apenas como poder e domínio sobre o sujeito, mas também como a ação no espaço entre as relações, ou seja, aquela que tem no horizonte a produção do mundo comum” (Rosa, 2016, p.23). E nesse tecido a psicanálise se insere dando luz e consistência a dimensão do desejo e dos laços que constituem os sujeitos que acompanhamos.

Falamos então de um encontro que é tecido, (re)construído e costurado a cada novo encontro. A psicanálise implicada ao social, busca a articulação do sujeito de direitos ao sujeito de desejo. No entanto, não está colocada como teoria ou técnica central no atendimento e/ou acompanhamento neste serviço, aqui a psicanálise entra enquanto ética e ferramenta, ou diríamos agulha para que esta costura aconteça, produzindo pequenos furos e enlaçando.

Nos acompanharão nesta dissertação dois guias: um mito e uma música. Guias indicados a partir do exame de qualificação, que abriram caminhos à autoria da escrita. O mito provocando uma imagem do que seja o nosso fazer na rua e do que encontramos neste fazer. A música como potência, de um encontro de diferenças, de litorais, de narrativas e da experiência vivida. Ambos símbolos e concretudes do que aqui se faz questão: a psicanálise que tece e produz algo no encontro.

O mito é o do herói ateniense Teseu, nome que em grego significa “o homem forte por excelência”, libertou a Grécia de vários monstros e bandidos. Teseu é filho do deus Posídon e Etra, esposa do Rei Egeu de Atenas, após seu nascimento, o rei deixou o filho aos cuidados do avô e retornou a Atenas, pois temia que seus sobrinhos lhe fizessem mal, pois disputavam a sucessão do trono. Antes de partir, escondeu, sob um enorme rochedo, sua espada e sandália, recomendando a Etra que, tão logo o menino atingisse a adolescência, se fosse suficientemente forte para erguer a rocha, retirasse os objetos escondidos e o procurasse em Atenas. Quando atingiu a adolescência, Teseu, ergueu a rocha e foi em busca de seu pai passando por diversos encontros com bandidos e monstros, enfrentando-os até chegar novamente em Atenas, sendo reconhecido como destruidor de monstros. Apesar da tentativa de assassinato pela madrasta Medéia, Teseu é reconhecido por seu pai, sucessor do trono de Atenas. Um tempo depois, eclodiu uma grande guerra entre Atenas e Creta, Minos, rei de Creta, concordou em retirar-se de Atenas desde que, anualmente, fosse pago um tributo de sete rapazes e sete moças a serem lançados no Labirinto e entregues ao Minotauro como

alimento. Sendo já o terceiro ano deste tributo, Teseu se prontificou em ir a Creta com as outras treze vítimas, enfrentar o Minotauro, e derrota-lo para libertar seu povo. O labirinto em que vivia o Minotauro era uma estrutura criada com caminhos enredados de tal forma que ninguém seria capaz de encontrar o caminho de saída. Foi solicitada a construção deste pelo Rei Minos que queria esconder este filho monstro. O labirinto, construído por Dédalo, possuía inúmeros corredores, salas e galerias, todos criados de uma maneira para nunca se achar a saída e confundir até o mais sábio dos homens. Chegando a Creta, Teseu conhece Ariadne, filha do Rei Minos, que se apaixona por Teseu e para salvá-lo do Minotauro e do labirinto, ela lhe oferece uma espada para ajudar a lutar contra o monstro e também lhe entrega o fio de seu novelo de lã como seu guia de retorno, para fora do labirinto. Teseu é vitorioso, e através do fio de Ariadne consegue retornar e casa-se com a moça, levando ela para fora da cidade, logo após a viagem enquanto Ariadne dormia, Teseu a abandona. (BRANDÃO, 1987, pp. 149-174)

A imagem deste mito nos inspira a aproximar a jornada de nossos encontros com Eduardo, adolescente de 17 anos, negro, que desde sua infância vive em situação de rua junto a sua família. Encontros vivenciados e que se tornaram dois contos labirínticos nesta dissertação, “A cidade labirinto” e “Encontros de Eduardo e Mônica”. Chamamos contos labirínticos por serem narrativas que assim como um labirinto, são passagens construídas com caminhos por vezes sem saídas, até chegar ao Minotauro e com ele travar a batalha.

A figura do Minotauro, monstro metade homem, metade touro, representará aqui, junto com o labirinto, a máquina do poder pela qual os sujeitos são capturados e enredados, que gera as condições atuais de vulnerabilidade social e modos de subjetivação que provocam exclusões e falta de acesso, principalmente aos jovens, negros de periferia.

A partir, particularmente, da escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social, pudemos evidenciar a estratégia do discurso social e político, carregado de interesses, para capturar o sujeito em suas malhas – seja na constituição subjetiva, seja nas circunstâncias de destituição subjetiva. O enredamento do sujeito na maquinaria do poder processa-se ao provocar o equívoco em que o discurso social é oferecido como se fosse o discurso do Outro, como se fosse a dimensão simbólica que referencia a pertença do sujeito. (Rosa, 2016, p. 29)

A maquinaria capitalista produz exclusão, não porque há problemas em seu funcionamento, mas justamente por que funciona produzindo um laço social que usa as violências e as exclusões como estratégias de poder. Concordamos com Rosa (2016, p.43) quando afirma que uma das consequências da exclusão social nos sujeitos do modelo econômico neoliberal é o silenciamento. “Diante do impacto traumatizante de uma

consciência clara da impotência diante do Outro consistente e insistente em barrar qualquer acesso à condição de uma lógica fálica e desejante, o sujeito cala-se”. Nossa insistência aqui será em não reproduzir esse barramento do sujeito, mas sim em abrir espaços possíveis de escuta que possam romper tais barreiras, levando em conta este lugar de resto que ocupa no discurso social. Uma escuta que coloca a palavra a circular em sua dimensão da experiência compartilhada, do testemunho e o do resgate de sua história.

Portanto, também nos contos, a presença do fio de Ariadne, esse fio que acompanha, tece e confia na certeza de que algo se produz a cada encontro. Buscamos nestes momentos de encontro resgatar a dimensão da experiência, no sentido Benjaminiano de experiência, ou seja, uma vivência que deixa rastros, em que é possível pensarmos a história do sujeito através de fragmentos de continuidade, sem precisar chegar a um final totalizante da história, mas sempre deixando rastros a seguir.(BENJAMIN, 1985/2014) Como nos propõem Broide & Broide (2015, p. 21) seguir a lógica daquele que escuta, mas seguir “os trilhamentos do sujeito que relata a outro com atribuição de alteridade, com pretensa imparcialidade, a veracidade de fatos e situações”.

Após o primeiro encontro, que por vezes está a serviço do acaso, muitos outros se tecem e uma rede vai aos poucos sendo fabricada. Neste primeiro encontro, Ariadne, na cidade labirinto, estende seu fio e acompanha o trajeto da travessia. Um emaranhado vai se traçando, abrindo e fechando possibilidades de saídas, logo, não importa mais a origem, mas sim o trajeto que vai sendo tecido, as formas que vão se constituindo e a certeza de poder retomar através deste fio um momento/espço de escuta e fala.

Nas ruas da cidade, nos movimentamos em busca de encontros, entendendo que encontraremos sujeitos que são constituídos na relação com o Outro, nossa condição humana. Vemos no Ação Rua uma potência para se fazer da abordagem social, um serviço que privilegia o estar com o sujeito em seu território singular e com ele produzir possibilidades de provocar diferenças.

Por estar a serviço da política de assistência social, o serviço tem como preceito a matricialidade sociofamiliar, ou seja, as ações são centradas na integralidade da família. “Neste sentido, para realizar o trabalho social com as famílias é necessário focar todos os seus membros e suas demandas, reconhecer suas próprias dinâmicas e as repercussões da realidade social, econômica, cultural vivenciadas por elas” (SOUZA, 2010, p.02). É importante ressaltar que na Política Nacional de Assistência Social, se encontra a referência definindo que “estamos diante de uma família, quando encontramos um conjunto de pessoas que se acham unidas por laços consanguíneos, afetivos e, ou de solidariedade” (Brasil, 2004, p. 28).

Portanto, no fazer do Ação Rua, após encontrarmos, por meio da abordagem uma criança ou um adolescente em situação de rua ou trabalho infantil, buscamos contato com seus familiares, com suas referências afetivas e até mesmo vinculações institucionais que os mesmos possam ter. Com Eduardo não foi diferente, no entanto, para efeitos desta pesquisa vamos nos deter mais especificamente nos encontros com o adolescente e o que foi possível construir neles, com ele.

Entendemos os encontros como vivências, dizem da experiência, são únicos, singulares e guardam em cada momento uma potência diferente. A palavra encontrar, em sua etimologia, carrega o encontro de diferentes, a oposição, a força de um ir contra o outro. Nos encontros com Eduardo, nossas diferenças estão postas, física e socialmente. No entanto, enquanto potência, essas diferenças fazem corte, produzem rupturas, rachaduras nos modos de subjetivar. E o encontro vira possibilidade do novo.

Seguimos apontando para a questão de entender a potência do encontro, quando a psicanálise está como ferramenta e sistema de pensamento do profissional que acompanha tais sujeitos e também nos convoca a pensar que laços são produzidos e quais as possibilidades e os limites da transferência neste vínculo, enquanto produtor de algo novo e de saídas das violações de direitos. Diante da fragilidade da função do Outro, que laço é possível para sustentar ou não projetos de saídas da repetição, enquanto ato? Será possível Eduardo fazer diferente do que lhe é transmitido?. São questões presentes nesta pesquisa para que seja possível apontar saídas. Temos aqui a dimensão do encontro, como dispositivo clínico que opera com a possibilidade de, como nos coloca Broide & Broide (2015, pp. 9-31), permitir “a circulação da palavra e os processos de singularização dos sujeitos”. Compartilhamos da ideia destes autores, quando afirmam que as políticas públicas devem proporcionar uma condição-suporte de singularização do sujeito, explicam que isso significa estar abertos a escuta de narrativas, enquanto prática de linguagem em processo, seguindo a construção subjetiva de cada sujeito acompanhado, sustentando uma ética nesta escuta.

Trazemos as narrativas e músicas de Eduardo, que possui laços, filiações na rua e a partir disso produz, nos nossos encontros, letras musicais que contam e transformam suas experiências. Nomeamos este adolescente de Eduardo. E a música Eduardo e Mônica nos soa interessante ao dar potência a um encontro de diferentes, como na música “Ela fazia medicina e falava alemão e ele ainda nas aulinhas de inglês³” Realidades, momentos de vida diferentes, que se encontram e criam espaço para algo se construir. Eu sou branca, adulta, classe média,

³ Trecho da música Eduardo e Mônica da banda musical Legião Urbana.

pós-graduada. Eduardo é negro, adolescente, da ralé⁴, ainda no ensino fundamental. “E quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração e que irá dizer que não existe razão”⁵, é pelo que Eduardo produz de afeto em mim, a cada encontro, que o escolho para esta travessia de escrita de dissertação de mestrado e ele aceita e me inclui também na produção de seus raps. Produzimos juntos.

⁴ Conceito do autor Jessé Sousa, vide capítulo 1 desta dissertação, p.23.

⁵ Idem nota 3.



Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios. (Benjamin, 1987, p. 71)

1 A CIDADE LABIRINTO

Mais um dia na rua, mais um dia de Ação Rua, estar na rua e sentir seus movimentos, seus trânsitos, suas vias. A cidade labirinto se apresenta a nós, observamos, caminhamos, vamos em busca-ativa de mais um menino, sabemos o que buscamos, mas também deixamos que a cidade mostre seus caminhos, suas passagens. É para uma cidade da viela, da margem, da fronteira, que adentramos nesta busca. Observar o que os demais transeuntes não enxergam. O exercício de abrir-se a um mundo outro, esse desconhecido, estranho e estrangeiro, porém por vezes também familiar. A rua tem disso, ora novidade e estranhamento, ora o mesmo cenário, o cotidiano.

Ao transitar neste labirinto, levamos conosco o novelo que, com seu fio, enlaça, tece, um vínculo estabelecido, fio que não se rompe com a distância, mas que mostra e costura o caminho percorrido junto com o outro. Colocamos neste novelo um tanto de afeto, ética e corpo para sustentar o vínculo e as andanças. Buscamos tecer encontros com àqueles que são pouco vistos, ou ainda, vistos como problemas para a sociedade, crianças e adolescentes desprotegidos, negligenciados em seus cuidados e direitos. Queremos inclui-los no circuito das políticas públicas de assistência social. Queremos escutá-los e vivenciar momentos juntos nestas ruas, conhecer e se deixar ser conhecido também.

Neste dia, nosso encontro é com Eduardo, menino negro, nascido em 1999, criado em um bairro de periferia da cidade, vive na rua com sua avó, ele diz ter uma família desestruturada e desde pequeno ter vivenciado o crime, esta era a realidade que vivia dentro de casa, avó, tios e até sua própria mãe sempre demonstraram atitudes para que ele também vivesse no crime. Cresceu seguindo esses passos e, depois de grande, começou a fazer tudo que era errado: roubar, traficar. Assim é seu depoimento, que canta em letras de rap. Além de assaltante, traficante, criminoso, Eduardo se descobre rapper, narra sua vida e seus pensamentos através da música.

Fomos chamados a conhecer Eduardo, ele tinha 10 anos, estava em mendicância no centro da cidade e “já está até usando drogas”, foi o que nos disseram na rede de atendimento de nossa região. Evadido do abrigo há alguns dias. Retorna ao centro. Saímos da periferia e vamos ao centro, fazendo o mesmo trânsito dessa família, saem da periferia para estar na rua do centro. Lá talvez haja visibilidade, lá talvez haja modos de sobreviver.

Assim, caminhando pelas ruas agitadas do centro, percebemos um menino na calçada, olhando para a televisão ligada de um bar. O colega que já o conhecia e nos acompanhava na caminhada, nos indica aquele menino como sendo o nosso Eduardo. Sentado na calçada em

frente a um bar com a televisão ligada, ele via atento aos desenhos animados. Eduardo nos recebe bem, já conhece um de nós e nos conta que vem sempre naquele horário da manhã assistir seu desenho favorito. Está bem longe de onde a avó costuma ficar, mas diz que dali vai ver sua mãe que fica em uma praça próxima. É interessante ver que a família fica distribuída em pontos distintos deste labirinto, parecem não se comunicar, mas no entanto, quando os conhecemos, vemos que a ligação e a comunicação entre eles é intensa e ágil.

Perguntamos ao menino o porquê da evasão do espaço de acolhimento institucional, Eduardo, diz que não retornará para o abrigo, diz que está bem e que no abrigo o “pai” não gosta dele. Ele se refere ao pai social, trabalhador, que cuida das crianças na casa lar que estava. Talvez também se refira a seu pai, figura que pouco aparece em sua história. Eduardo, conforme nos contaram, possui três mães: a sua mãe biológica, a sua avó e a companheira da avó que lhe criam e lhe dão proteção e apoio. Possui também uma irmã, dois anos mais velha que ele, sendo que foi ela que solicitou ao Conselho Tutelar que lhes encaminhasse a um abrigo, pois queria sair da situação de rua e mendicância que a avó lhes impunha. No dia do encontro, a irmã seguia acolhida e a notícia que tínhamos era de que ela estava indo muito bem nos estudos e bem vinculada aos pais sociais.

A conversa flui um pouco, logo o menino começa a ficar desconfiado, sem saber muito bem porque estamos ali e o que queremos dele, se pergunta: quem gostaria somente de me conhecer? Como irão me ajudar? Conclui: “Querem me levar para o abrigo”. Também nos apresentamos à ele, como normalmente acontece, ele questiona se somos do Conselho Tutelar. Temos o desafio de nos apresentarmos enquanto parte de uma política pública, sem sermos puramente, reguladores ou ditadores de normas. Mostrar que, para além da intervenção do Estado frente à situação de rua de crianças de adolescentes, estamos ali para construirmos algo juntos. Não temos recursos à oferecer, não barganhamos para que seja possível o laço, Eduardo não pediu nossa ajuda, ele está ali em seu território. Nós, neste momento, somente podemos ofertar a presença e a vontade de nos aproximarmos de seu cotidiano, para perceber que costuras se fazem possíveis. Tecer redes, considerando o seu mapa.

Na televisão começa a propaganda, Eduardo se levanta e faz um movimento de ir embora, na pressa brincante de uma criança. Antes de nos despedir, perguntamos se podemos voltar, ele diz que sim e estende a mão. Nossas mãos se enlaçam marcando nosso primeiro encontro. Foram alguns minutos. Com a cidade labirinto diante de nós, estendemos o fio que conduz para a possibilidade do encontro. Com o fio, Eduardo se vai labirinto a dentro. Nós

esperamos, no início deste trajeto, confiando na potência deste momento, na expectativa de com ele poder trilhar e descobrir caminhos.

1.1 O sujeito e suas movimentações: a rua, a cidade – territórios possíveis

O que é estar na rua? Que significado tem a rua para as pessoas que fazem dela sua casa? “Se essa rua, essa rua fosse minha...”. Falar da rua é falar de território, da cidade e do modo como é construída e vivida. A rua é um caminho, uma perspectiva histórica, construção social, possibilidade de entradas, saídas, é casa, lugar de encontros. Pessoas passam e outras por ali estão, espaço público e também privado. Compõem a cidade, formam como um labirinto, vias a serem percorridas, trajetos e lugares a serem desbravados.

Benjamin, conforme Gagnebin (2013, pp. 90-91) usa a imagem do labirinto para escrever sobre sua cidade natal e sua infância em Berlim, “para Benjamin, o labirinto não é somente uma estrutura onírica vertiginosa: mais essencialmente, ele constitui o avesso escondido mas significativo das obras culturais, das cidades e dos livros” Como a criança de Benjamin (1987), que no limiar do labirinto, não demonstra medo, mas sim o desejo de explorar, como se soubesse que só poderá reencontrar-se se ousar perder-se, também nos lançamos neste labirinto, arriscamos nos perder, para poder então desbravar suas vias, criar trajetos e espaços de (re)encontros.

Esta cidade labirinto, constituída de passagens, cruzamentos, ruas, becos, vielas. Não é tão somente um cenário ou contexto em que estão inseridos os sujeitos, a cidade é lugar onde as relações acontecem, são tramadas, existindo em um mesmo tempo aproximações e distanciamentos. É território onde habitam as diferenças, que é formado e criado por uma conjunção de fatores políticos e econômicos, em um constante movimento de concentração-dispersão⁶, habitando múltiplas lógicas, algumas de emancipação e participação, outras que produzem sujeição e dominação, Milton Santos (2013) em seu livro-síntese: *A urbanização brasileira*, nos mostra que, no Brasil, a urbanização tornou-se generalizada a partir do século XX, sendo o tempo da metrópole, o tempo que é transmitido em todo o território, este tempo que é do Estado, das multinacionais e das grandes empresas. Fala-se então de urbanização corporativa e cidades corporativas. Onde o cidadão é visto e tratado como usuário ou consumidor, dando maior ênfase a busca de privilégios em vez de direitos. “Esses corporativismos impedem de ver a cidade como um todo”, pois opõem parcelas da cidade,

⁶ Segundo Santos (2013), o movimento de concentração-dispersão é próprio da dinâmica territorial em todos os tempos e ganha expressões particulares segundo os períodos históricos. O autor ainda salienta que mercado e território são sinônimos e respondem pelo processo de concentração da economia.

frações da população, modos de vida e comportamento. Conforme o autor, “o próprio poder público torna-se criador privilegiado de escassez; estimula, assim, a especulação e fomenta a produção de espaços vazios dentro das cidades” (Santos, 2013, pp.121-123), empurra a população para as periferias e empobrece ainda mais os pobres.

A construção de um território é marcada, para além de sua dimensão geográfica, por seus usos, conforme segue nos esclarecendo Milton Santos (2009, pp.22-26) precisamos pensar o território juntamente com os atores que dele se utilizam, “a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual”. Elia (2011) também afirma sobre a cidade que

Ela é feita de espaços, histórias, lugares, marcas que constituem a realidade de um sujeito, que sempre é psíquica, subjetiva, interna e externa, como uma fita de Moebius. Assim, o território da cidade que interessa a um sujeito não é a região em que ele vive, mas o conjunto de espaços que, ao longo do tempo de sua vida, constituíram sua história subjetiva. O território é fragmento do Outro, que, como tal, inclui o sujeito e só se define por relação a ele. (p.39)

Nesse processo de urbanização e conseqüente fragmentação dos modos de vida, a população de rua ganha visibilidade enquanto um problema social e urbano. Conforme De Lucca (2007, p.20) “problema que se multiplica e deve ser controlado, tema que incomoda e mobiliza toda uma variedade de agentes”. Broide & Broide (2015, p.81) também apontam a ambigüidade das políticas públicas “uma vez que a expulsão e o recolhimento das pessoas nas ruas, em nome da ordem e segurança urbana e cidadina, andam *pari passu* com as ações de proteção social”. Assim, na política de Assistência Social, sentimos e atuamos nesta linha tênue da proteção social, somos desafiados a buscar formas da garantia de direitos, sem “matar” o sujeito do desejo e seus enlaçamentos.

A psicanálise que está implicada, política e eticamente, acompanha o sujeito e suas movimentações, aponta uma posição do psicanalista que questiona as certezas estabelecidas e não está preocupado em explicá-las de modo a apaziguar o mal-estar, mas preocupado em uma intervenção viva, em que o sujeito do inconsciente está de braços dados com o sujeito de direitos. Moreira (2016) propõe a modalidade da psicanálise aplicada e implicada com o social, a qual concordamos e atuamos neste sentido em que

tanto a psicanálise quanto os fenômenos sociais são objetos e sujeitos simultaneamente É preciso escutar o sujeito sem perder de vista as demandas da assistência social, cuidando para que não se deixe levar pelo canto sedutor da sereia, que exige a proteção matando o sujeito. (p.21)

A família de Eduardo possui uma casa em um bairro na periferia da cidade, local de atuação do nosso serviço, porém constroem seu território no centro da cidade, local de maior visibilidade, de maior movimentação. Sua avó, também como figura central, mostra que possui domínio daquele local, no centro, os demais moradores de rua que por ali circulam a reconhecem como “mãe”, ali o ambiente parece ser controlado por ela. Precisamos reconhecer esse movimento quando nos aproximamos da família, afinal este é o território que construíram, retornar à casa no bairro da periferia pode não ser uma saída possível para eles.

No conto, vemos Eduardo, nesta cidade labirinto, buscando espaço para sua infância nas televisões dos bares. Ele experimenta um outro modo de habitar a cidade, como nos aponta Brissac (n.d.), “o procedimento do nômade – o sem-teto, o camelô, o favelado, o migrante – é sempre tático. ... sua ação é ditada pelas necessidades de sobrevivência individual. Ele instrumentaliza tudo o que está ao seu alcance. Toda a infraestrutura urbana vai sendo requisitada e redirecionada para outros usos.”

Conforme Santos (2013, p.11) “a cidade, onde tantas necessidades emergentes não podem ter resposta, está desse modo fadada a ser tanto o teatro de conflitos crescentes como o lugar geográfico e político da possibilidade de soluções”. Nesse sentido Palombini (2007, p.50) afirma “que é a forma como a cidade se posiciona em relação à emergência do conflito (acolhendo-o ou silenciando-o) o que determina o destino das prováveis soluções”. Aqui estão colocados os sujeitos que habitam as cidades e suas movimentações, no mito, todo o ano sete moças e sete rapazes eram colocados dentro do labirinto para que servissem de alimento ao Minotauro. Estes vagavam pelas passagens e armadilhas deste labirinto, para divertir a fera no encontro final. Conta-se que no labirinto era possível ouvir a respiração e grunhidos do Minotauro. Aqui traçamos este paralelo entre a figura do Minotauro e o sistema capitalista que faz com que os indivíduos transitem de uma determinada forma, habitem a cidade conforme suas premissas, sob sua espreita.

Deleuze & Guattari (1997) entendem o território como um produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. Na cidade labirinto, o constante movimento, o constante trânsito, uma forma rizomática engendrando diversas passagens, possibilidades e formas de enlaçamento do sujeito contemporâneo. Nesse sentido, Rosa (2016, p. 97) destaca o peso e a homogeneidade do poder sobre o sujeito no capitalismo avançado, “a dimensão social e suas normativas são enfatizadas e vão sendo acrescidas de uma concepção de controle político para manutenção de um sistema que privilegia um modo específico de circulação de valores e distribuição de, modos de gozar”, a autora explica ainda que trata-se de

uma passagem do ideal de eu – que regula o sujeito com marcas das insígnias do Outro, conduzindo-o a uma esperança de reconhecimento – para uma outra instância que seduz e escraviza o sujeito com sua voz, ordenando-o ao gozo ou assombrando-o com o fracasso. (ROSA, 2016 p. 118)

Neste sentido, Pelbart (2003, p.20) também aponta para um novo modo de relação entre capital e subjetividade, nesta era da biopolítica, “o fato é que consumimos mais do que bens, *formas de vidas* – e mesmo quando nos referimos aos estratos mais carentes da população, ainda assim essa tendência é crescente”.

Conforme Foucault (1999), em seu Curso no Collège de France (1975-1976) intitulado, Em Defesa da Sociedade, o biopoder, ou a biopolítica, se constitui a partir da segunda metade do século XVIII, em um tecnologia do poder que passa a levar em conta a vida, nela está colocado o direito de “fazer viver e deixar morrer”, privilegiando o homem-espécie. Não se trata mais somente de disciplinar o corpo individual, mas para além da disciplina dos corpos, a sua regulamentação, a norma que se aplica a uma população, para que a espécie humana seja preservada. No entanto o mecanismo disciplinar não é substituído por este regulador, mas sim ambos articulam-se um com o outro. Foucault (1999), traz a cidade como um exemplo desta articulação

A cidade operária, tal como existe no século XIX, o que é? Vê-se muito bem como ela articula, de certo modo, perpendicularmente, mecanismos disciplinares de controle sobre o corpo, sobre os corpos, por sua quadrícula, pelo recorte mesmo da cidade, pela localização das famílias (cada uma numa casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo). Recorte, pôr indivíduos em visibilidade, normalização dos comportamentos E depois vocês tem toda uma série de mecanismos que são, ao contrário, mecanismos regulamentadores, que incidem sobre a população enquanto tal e que permitem, que induzem comportamento de poupança, por exemplo, que são vinculados ao habitat Sistemas de seguro-saúde ou seguro-velhice ...; regras de higiene que garantem a longevidade ótima da população ...; etc. p.299)

Portanto, o biopoder atua não para barrar a vida, mas sim para otimizá-la, regulando e normatizando a vida e os modos de subjetivação. Agamben (2010) também aponta neste sentido quando denomina de vida nua, a política ocidental, que tem o singular privilégio de ser aquilo sobre cuja exclusão se fundam as cidades.

Só o homem entre os vivos possui a linguagem...isto é próprio do homem com relação aos outros vivos, somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e das coisas do mesmo gênero, e a comunidade destas coisas faz a habitação e a cidade. (Agamben, 2010, p. 15)

Nos lançamos na cidade labirinto em busca de Eduardo para lhe garantir a proteção social, lhe garantir direitos que entendemos, enquanto política, estar sendo violados, como o

do acesso à escola, à saúde, a um lar, como normalmente estamos acostumados, ou como as normas nos dizem do como ser, como fazer e como viver. Corremos o risco então de colocar Eduardo na lista dos meninos de rua, abandonados, sem infância. Mas conhecendo aos poucos suas movimentações e laços, podemos construir outros conceitos sobre este menino de rua. Precisamos salvá-lo! Por vezes essa é a sensação e vontade primeira, uma das armadilhas do labirinto, salvar a população de rua, as crianças de rua, mais do que a necessidade de lhes garantir um espaço de escuta e fala, de produção de desejo e sentidos. Pois o que opera também em nós, no serviço, na Assistência Social é pensado sob a ótica do biopoder. Pelbart (2007) elucida,

Já mal sabemos onde está o poder e onde estamos nós. O que ele nos dita e o que nós dele queremos. Nós próprios nos encarregamos de administrar nosso controle, e o próprio desejo já se vê inteiramente capturado. Nunca o poder chegou tão longe e tão fundo no cerne da subjetividade e da própria vida, como nessa modalidade contemporânea do biopoder. (p. 58)

Foucault (1999, pp.304-306) coloca também que a emergência deste biopoder inseriu nos mecanismos de Estado o racismo, apesar de elucidar que o racismo já existia anteriormente ao séc XVIII, no biopoder ele vem fragmentando, fazendo “o corte entre o que deve viver e o que deve morrer ... a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura”. Através do racismo, tirar a vida é aceitável na sociedade da normatização, trata-se de eliminar não os inimigos, mas os perigos à população. Nesse sentido Butler (2016, p.17) também põem em questão a divisão do mundo em vidas passíveis de luto e vidas não passíveis de luto, elucidando que “há “sujeitos” que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas”. Na sociedade normatizadora existem condições para a produção do sujeito, de modo que o “ser” sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento. Esse sujeito que está articulado com o coletivo⁷, na especificidade de um dado momento histórico de seu território. A autora ainda destaca a mídia como estrutura avaliadora e incorporadora para que seja possível uma vida ser reconhecida em sua precariedade e em sua necessidade de amparo. Salaria que “ para reconhecer a precariedade de uma outra vida, os sentidos precisam estar operantes, o que significa que deve ser travada uma luta contra as forças que procuram regular a comoção de formas diferenciadas”. (BUTLER, 2016, pp. 13-97)

⁷ Elia (2011, p. 38) define o coletivo “não como grupo ou conjunto de indivíduos, mas como coleção de traços, cadeia de significantes, que se distribui em vozes, em outros semelhantes, enfim, entre muitos ...”

São os possíveis e inevitáveis ruídos na escuta, quando se quer trabalhar no sentido ético e político, na radicalidade da proposta psicanalítica, buscando o sujeito do inconsciente em sua dimensão desejante, em sua condição de sujeito. Por esse motivo, Rosa (2002, p.3) aponta a todo momento, em seus escritos que dizem da escuta das situações de exclusão social, dos riscos desta escuta e das resistências do analista a ela. Já que o processo de exclusão não é uma falha do sistema e sim o produto do seu funcionamento. “A escuta desses sujeitos pode tanto lhes propiciar dar andamento à articulação significativa, rompendo com identificações imaginárias, como contribuir para elucidar alguns efeitos subjetivos do “bom” funcionamento do sistema”. Nos expondo portanto que, nesta escuta, limites serão impostos, assim como o sentimento de impotência e do não haver saída.

A quem nos propomos escutar então? Eduardo, como já dito anteriormente, adolescente, pobre, vive nas ruas. Que lugar lhe pertence? O de resto, àquele excluído de todas as oportunidades materiais e simbólicas de reconhecimento social, lugar da ralé brasileira, como bem define Jessé Souza (2009, p.25), esta classe, que não acessa o capital econômico, nem mesmo o capital cultural⁸, “essas são as pessoas que estão sempre a um passo – ou com os dois pés dentro – da delinquência e do abandono” Onde está sua força para seguir no labirinto e travar a batalha com o Minotauro que o aguarda faminto? Acreditamos e apostamos na potência do encontro, sua dimensão de experiência, espaço para compartilhar e dar voz, o fio que guia dentro do labirinto.

não é somente o da intensidade do amor e do desejo; também é o fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a que esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje. (GAGNEBIN, 2013, p. 92)

Deste modo, é possível que o sujeito vá do silêncio à palavra, como tão bem nos afirmam Broide e Broide (2015, pp. 15-20) “as breves narrativas, ao serem retiradas da invisibilidade, e do silêncio, são capazes de incitar a reflexão acerca das razões de seu sufocamento, tornando-se, então, uma ação política e subjetiva de grande magnitude”. Pois, o que acontece neste movimento de abrir espaço à narrativa é a possibilidade de fazer existir o sujeito. Instalando-se um espaço-tempo de compreender o que foi vivido e silenciado. Os

⁸ Jessé Souza (2009, p. 19-21), conceitualiza o capital cultural como os “valores imateriais” que são transferidos na reprodução das classes sociais e de seus privilégios no tempo. É a herança imaterial que vai permitir certos acessos a relações sociais. “os filhos só terão a mesma vida privilegiada dos pais se herdarem também o “estilo de vida”, a “naturalidade” para se comportar em reuniões sociais”. E designa portanto a classe social da “ralé” estrutural que se constitui em “uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o *aspecto fundamental*, das precondições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação.”

autores ainda nos apontam esse movimento da posição de testemunho, que abordaremos também mais adiante nesta pesquisa, em que os profissionais do serviço se colocam, a fim de conferir reconhecimento ao sujeito e também retirá-lo da invisibilidade. Nesse sentido, que enquanto atores sociais, atuantes de uma determinada política pública, entendemos que a potência do encontro que abre espaço à circulação da palavra é condição-suporte de singularização do sujeito.

1.2 Entre territórios e litorais : a experiência do encontro

Cada vez que vamos ao encontro do adolescente, ou de algum membro de sua família, é para o centro que nos dirigimos e por vezes precisamos pedir licença para que a avó nos deixe aproximarmos de seu neto. Não há como chegar em Eduardo sem passar pelo olhar de sua avó. Passamos por sua desconfiança, ela nos vê como ameaças ao seu modo de ser, cuidar e habitar a cidade. Como se fossemos invasores, forasteiros. Derrida (2003) aponta este ar de desconfiança e ameaça que o estrangeiro provoca, à questão que o estrangeiro carrega

como se o estrangeiro fosse, primeiramente, aquele que coloca a questão ou aquele a quem se endereça a primeira questão. Mas também aquele que, ao colocar a primeira questão, me questiona.... Como se o estrangeiro devesse começar contestando a autoridade do chefe, do pai, do chefe da família, “dono do lugar”, do poder de hospitalidade (pp. 5-7)

Encontrar Eduardo provoca na equipe a sensação de sermos estrangeiros, adentrando um novo território. Talvez por isso as conversas na rua sejam um tanto desconfortáveis, com um tom de desconfiança e tensão, pois somos convocados a lidar com este novo território, perdemos nesse ponto a familiaridade que nossa experiência territorial nos confere e somos obrigados a nos situar em outro local, nos desterritorializar. Deleuze (1994), em entrevista chamada Abecedário, fala do movimento de desterritorialização, de sair do território, que é do domínio do ter, para validá-lo. Portanto, saímos do nosso território, nos desterritorializamos e nos reterritorializamos, no sentido de que o que é vivido neste movimento provoca o processo de apropriação de novos territórios. Santos (2009, p. 328) coloca que “desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é também, desculturalização”.

Ultrapassado um primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a ideia de futuro a partir do entendimento novo da nova realidade que o cerca. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual. (SANTOS, 2009, p. 329)

De acordo com Sousa (2015), nesta travessia entre territórios, transpomos não uma fronteira, que diz de uma diferença em espaços homogêneos, mas construímos um litoral, que marca, conforme propõem Lacan, a radicalidade de um encontro de heterogêneos. Tratamos das superfícies distintas que se encontram. “Encontrar, portanto, alguns litorais implica uma radicalidade de identificação de limites fundamentais para sabermos qual o ponto de partida que permite um contato efetivo com outro, com a alteridade, com o estrangeiro”.

A experiência do encontro carrega portanto esses movimento entre territórios e litorais. Encontro com a alteridade, com o que difere, encontros na cultura. Nos parece, que Freud (1930/2010), em o Mal-Estar na Cultura, vai elucidar essa dimensão do encontro com o outro como constitutivo do sujeito, quando postula que a vida é árdua para nós e o que os seres humanos querem alcançar é a felicidade na busca de aplacar o sofrimento. Este pode vir de três lados: a partir do próprio corpo com sensações de dor e medo; a partir do mundo externo; e das relações com os outros. Freud enfatiza que o sofrimento vindo da relação com os outros é o que talvez seja sentido de modo mais doloroso. Ele coloca que “o programa que o princípio do prazer nos impõem, o de sermos felizes, não é realizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não nos é possível – renunciar aos esforços de tentar realiza-lo de alguma maneira. ... a felicidade é um problema da economia libidinal do indivíduo”. (p. 76)

Essa busca da realização do prazer e da felicidade, implica em vivenciar frustrações e nos depararmos com o desamparo, ou seja, é justamente por sermos malsucedidos na luta contra o sofrimento que nos constituímos psiquicamente e, também a cultura, o encontro com a alteridade traz essa dimensão do mal-estar. Conforme Moreira (2005, p292) “a verdade do desamparo possibilita a percepção da dependência entre os sujeitos”, o ser humano faz laços sociais na tentativa de não sucumbir ao desamparo estrutural. A autora em sua leitura do Mal-estar na cultura de Freud, afirma que “a produção da civilização coloca a discussão ética como prioridade, na medida em que anuncia o encontro entre o eu e o outro como a base de sua constituição, como aquilo que especifica o humano”. E na produção deste encontro intersubjetivo está a questão da culpa, da falta e da dívida simbólica. Estas instâncias nos movem ao encontro, já que é no enlaçamento com o outro que suportamos e nos protegemos do desamparo. Nesse sentido, Betts (2014, p.11) coloca que “é em torno da experiência do desamparo que se constitui tanto o sujeito quanto sua posição no laço social”.

Para falarmos do encontro com Eduardo, devemos considerar também o tipo de discurso que compõem o laço social atual. Como tratamos anteriormente, na maquinaria capitalista se constitui, como nos aponta Rosa (2016, p. 96) “um modo de laço em que o sujeito se vê empurrado violentamente ao gozo, seja sob a forma de consumo e lucro, seja

como sofrimento”. Lesourd (2012, pp. 30-31) explica que “esse novo discurso organizador do laço social ..., muda radicalmente a relação dos sujeitos com os prazeres e com os outros”, e ainda, Pereira & Gurski (2014, p. 378) referem que “o laço social que domina a atualidade é aquele que o desenlaça, a saber, o discurso capitalista”, desenlaça por ser um discurso que produz segregação e exclusão. Os autores explicam

Para forjar o algoritmo do capitalista, Lacan inverte as posições s1 e do \$ que o discurso do mestre apresenta. Sublinha que há, no mínimo, um caráter perverso naquele que agencia tal discurso, pois um imperativo de gozo ou de desregramento pulsional o ordena. Ele faz o outro desaparecer por detrás da massificação dos objetos, da erosão das relações políticas, do apagamento da diferença geracional, do consumo hedonista, da sua necessidade de satisfação pulsional sem mediação. O capitalista faz produzir objetos de gozo (mais-gozar) tanto para si como para o outro que tenha capital para consumi-los. Eis o fetichismo da subjetividade – modo maior de exercermos a segregação. (p. 378)

O efeito de desenlçamento, no discurso capitalista, ou como denomina Rosa (2016, pp. 129 -135) a desestabilização dos enlaçamentos sociais, produz uma espécie de anonimato de vida e de morte. “São aqueles que o capitalismo contemporâneo deverá apagar, fazer calar, ao produzir a ilusão de que estão mortificados, anônimos, imersos num cenário desértico da mais completa dessubjetivação”. Situamos aqui a população de rua, pois Rosa (1999, p.215) também já considerou que “os processos subjetivos nos meninos de rua referem-se muito menos a uma estruturação subjetiva específica do que caracterizam-se como um sintoma social, ou seja, trazem questões que não lhes são específicas, mas que eles são encarregados de exprimir, fruto de um modo de produzir o laço social”.

Encontramos Eduardo, criança, sozinho, porém pouco preocupado por estar só, como o menino que está na sala de casa e os cuidadores em outro cômodo, vê seu desenho preferido na televisão de um bar. A rua é sua casa. Diferente de um pensamento inicial que tínhamos, conforme as leituras que realizamos, onde se traz a situação dos “meninos de rua” como aqueles que estão com vínculos extremamente rompidos, vítimas de abandono e de baixo investimento libidinal⁹. Eduardo nos apresenta um intensa filiação com a rua, seu laço é na rua, sua família está ali e neste ambiente se sente protegido a ponto de transitar sem se preocupar com os riscos que corre. É essa desconstrução de conceitos e lógicas que Eduardo nos propõem e por isso elegemos ele para nos acompanhar neste percurso, o convidando para estar junto, narrar sua história, o instigando a falar/cantar desde o seu lugar, produto do laço

⁹ Trazemos como uma das leituras realizadas anteriormente à pesquisa a monografia de Ferreira (2000, p.5) intitulada: Os Meninos e a Rua - o Psicólogo e os impasses da Assistência que refere “que para essas crianças e adolescente, além da provisão material, algo de uma provisão libidinal fracassou de modo tão radical que levou a escolha pela rua”.

social contemporâneo. Pois acreditamos que, através da experiência compartilhada, seja possível também percorrer o caminho de saída deste labirinto, resgatando a dimensão do desejo, que é próprio do fazer psicanalítico.

Compartilhar é estar com o outro, encontro heterogêneo, criativo. Sousa (2015) ainda nos esclarece que os litorais são construídos a partir da condição de narrar e de transmitir, e “na condição de narrar encontraríamos o valor maior da transmissão e chance para cada um fazer contato efetivo com sua experiência”.

A respeito da experiência, sugere Reis (2015) em sua tese que

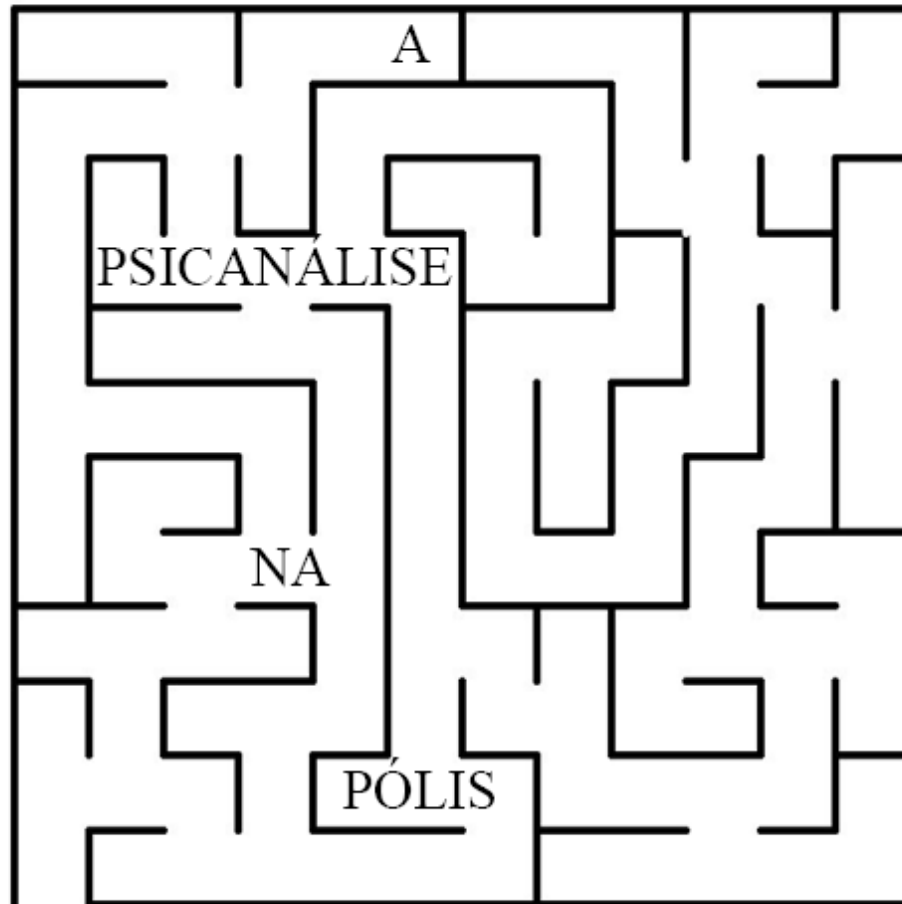
a experiência em psicanálise apresenta-se sob o signo negativo, relacionado com o luto, de um objeto perdido ou aquele que se refere ao inapreensível de um evento traumático, bem como pelo signo positivo de um acontecimento elaborativo ou reconstrutivo. (p. 13, itálicos da autora)

Walter Benjamin fala da pobreza nas experiências que vivemos, tanto no âmbito privado, como no da humanidade em geral e é essa pobreza, esse enfraquecimento da experiência vivida como algo a se transmitir que dificulta também a condição de narrar. Aqui faremos o movimento para que as experiências de Eduardo sejam resgatadas, narradas e compartilhadas em nossos encontros, pensando a narrativa como elaboração, na tentativa de poder se fazer algo novo a partir do reconhecimento da perda da experiência. (REIS, 2015, p.23).

E que experiências são essas? A rua, as movimentações de um lugar de menino negro, pobre, nascido na periferia, que como diz no conto, acompanhou uma vida de crime de seus familiares e desde cedo foi convidado a seguir esses passos. Até o início desta pesquisa, Eduardo teve doze entradas na FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo), local onde os adolescentes cumprem medidas sócio-educativas. A maioria deles por envolvimento em furtos e assaltos. Mesmos atos de sua mãe e seus tios, referendados por sua avó, que parece ocupar o lugar que confere a ele o seu destino, esta parece ser sua conexão com a rua, experiências transmitidas em sua filiação, a rua é então para Eduardo, sua casa e também condição para o ato. Rosa e Vicentin (2010) alertam que “o efeito do ato no discurso social transcende ao ato em si ou sua consequência e diz respeito ao lugar que aquele que age ocupa no desejo daquele que profere o discurso”. Podemos entender que pelo ato, Eduardo possui um lugar, conferido pela avó e pelo discurso no campo do Outro.

Porém, a cada entrada na FASE, um certo limite se impunha e questões se abrem para Eduardo. Seguir os passos da família, ou tentar fazer diferente? Também a nossa experiência, sustentada neste fio que já há oito anos tece, (in)veste e insiste nos encontros com Eduardo e sua família. Neste percurso, acompanhamos seus momentos no acolhimento institucional,

seus momentos na rua, a doença e morte de sua mãe, a morte da companheira da avó, os movimentos de sua irmã e de sua avó. Somos testemunhas da experiências narradas por Eduardo e nessa dimensão do encontro produtor de algo novo, também vamos nos constituindo.



As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.(Calvino, 1990, p. 29)

2 A PSICANÁLISE NA PÓLIS

“Eu não procuro, acho”, Lacan cita esta frase de Picasso para explicar a posição da pesquisa em psicanálise em seu seminário que trabalha os quatro conceitos fundamentais traçados por Freud para a psicanálise: o inconsciente, a pulsão, a transferência e a repetição. Posicionando a pesquisa psicanalítica, que encontra o *achado*, Lacan refere: “Levamos, de preferência, nossa psicanálise conosco e, imediatamente, ela nos dirige para pontos bem localizados, denomináveis, da práxis¹⁰”. Somente num a posteriori é que é possível achar o objeto de pesquisa, ele não está dado a priori, mas sim surge num só depois do encontro, só depois da escuta do sujeito da linguagem, esta é a radicalidade da psicanálise. (LACAN, 1964/2008, pp. 14-15)

Trata-se da psicanálise enquanto ética, em que também em sua prática de pesquisa o sujeito é produzido e não descoberto. Conte et al (2016) afirmam que o que a psicanálise oferta é um analista, ou seja a garantia de uma escuta do outro sem o peso da norma, uma escuta que garante a possibilidade de reconhecimento. O que é reconhecido é o sujeito do inconsciente que está presente nos efeitos da fala. Elia (2011, p.36) diz que “o sujeito do inconsciente se coloca, e contingentemente, cessa de não se escrever, ou seja pode advir, e essa possibilidade é integral, ou seja, nada, a priori, a obsta ou veta”, trabalha-se para que o sujeito advenha como um saber a posteriori.

Na presente pesquisa entendemos que a posição do pesquisador é implicada e toma parte no mundo que a pesquisa intervém. Privilegia, conforme Rosa (2004, p.310) “um campo de saber sustentado pela verdade do sujeito, o que não gera certezas ou generalização; e que considera que, no campo de investigação, o pesquisador sofre também os efeitos das descobertas”. Uma pesquisa situada, encarnada nesta experiência local da cidade labirinto, onde a parcialidade e não a universalidade é a condição para a produção de conhecimento. Agimos na rua, construindo e operando uma política pública, da abordagem social, no encontro com Eduardo, no labirinto e, em suas passagens, buscamos a articulação entre sujeito e o laço social e político. É para além dos muros das instituições, sejam elas quais forem, que levamos a psicanálise para escutar e mapear os movimentos do desejo. Poli (2008) aponta que

os “muros” são essa barreira de resistência que toma forma de impermeabilidade, de segregação ou de transferência infinita que persiste a dissolução. Transferência é resistência – necessária à construção de uma passagem. “Extramuros” pode ser então,

¹⁰ Lacan (2008/1964, p. 14) define uma práxis como “uma ação realizada pelo homem, qualquer que seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico”.

um muro em excesso, um mais-muro ou, ainda, uma ultrapassagem, um além muro.(p.160)

Portanto a psicanálise está na pólis, na cidade, no social, neste ritmo urbano e político em que indivíduo, cultura e história se relacionam. Uma psicanálise extramuros é o que exercemos, esta que incide e escuta tais relações que produzem laços sociais específicos, promovendo diferentes efeitos ou sintomas sociais. Rosa (2012) também coloca que, esta psicanálise aplicada e implicada no social é

constituída pela escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social que permite teorizações sobre os modos como são capturados e enredados pela maquinaria do poder. As intervenções, nesses casos, visam criar condições de alterações do campo simbólico – subjetivo, social e político. É nessa medida que a psicanálise pode comparecer com elementos para favorecer modos de resistência à instrumentalização social do gozo e à manipulação da vida e da morte no campo social.(p.30)

Nesse sentido, a imagem do fio de Ariadne, que sustenta e resiste para que seja possível transitar pelo labirinto, nos parece pertinente para também representar o campo transferencial que afirma e sustenta um espaço-relação de escuta, operando na modificação da posição subjetiva dos sujeitos acompanhados. Acessar esta posição subjetiva é escutar o sujeito do inconsciente, considerando conforme Lacan, o inconsciente estruturado como linguagem e estando presente nas diversas manifestações humanas, sociais e culturais. Assim, aponta Rosa (2004) que “a escuta busca na linguagem, a articulação com a libido e o simbólico. Isso significa que se pode trabalhar a partir da escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função do tema do pesquisador que, por sua vez, reconstrói sua questão nessa relação”.

Portanto, a pesquisa e a intervenção psicanalítica andam juntas, a pesquisa psicanalítica é sempre pesquisa-intervenção, por ter como método a transferência e o que é possível interpretar e acessar através dela. Rosa & Domingues (2010, p. 184) colocam que “o método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito e constrói uma metapsicologia não isolada, mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa” Conte et al (2016, p. 17) referem que Lacan chama a intervenção psicanalítica de escansão, que diferente da interpretação, “reconfigura o fluxo das significações para estrategicamente inseri-las em um novo espaço, provocar uma ruptura ou atravessar um obstáculo no discurso inconsciente”. Coloca o analista em posição de testemunha de uma narrativa, sem a pretensão de decifrar os significados, mas fazendo cortes, aberturas para um novo posicionamento do sujeito.

Rosa (2004, p.344) segue elucidando que “dessa escuta – principalmente quando o sujeito se revela como tal, como um dizer – não se sai isento: uma tomada de posição ética e política torna-se necessária”. Por isto, também aqui, vemos a dimensão política da psicanálise, que exige a construção de um discurso que pense uma saída para o saber inconsciente. Uma psicanálise implicada com a pólis, local do encontro de diferenças, resistências, negociações, que busca o alargamento dos modos de ser e habitar o território. Freud (1921/1969) em psicologia de grupo e análise do ego, lançou mão do conceito de libido para clarear as formações de grupos, considerando que essa energia libidinal é o que une determinadas pessoas e insere o sujeito na cena social. Rosa (1999, p.206) nos coloca que “não há subjetividade que se organize fora do laço social¹¹” e que o discurso do Outro, constitutivo do sujeito, está permeado pelo imaginário do grupo social. Consideramos como fundamental para constituição da subjetividade a dimensão da alteridade, ou seja, aquilo que é recusado pelo sujeito, que não é absorvido por sua lógica identitária. É nesse campo das relações com a alteridade que se forma o ato ético. E sendo assim a relação constituída, configura-se o dispositivo psicanalítico da transferência. (Dunker, 2016)

A pesquisa psicanalítica afirma enquanto método e intervenção, a relação transferencial, justamente porque ela sustenta-se também na singularidade de cada caso. Poli (2008), nos esclarece que a pesquisa em psicanálise não está para comprovar o que já se sabe, mas antes para que, pela via de transmissão da transferência, possa ser testemunha deste encontro com o real, onde a experiência resiste ao saber.

A pesquisa psicanalítica, por meio da transferência, permite fazer furos, brechas, no que por vezes pode-se dar como natural ou normativo. Pesquisar a população de adolescentes infratores, em situação de rua, poderia somente seguir as estatísticas, já conhecidas, de que não há saídas possíveis para tantos Eduardos que se encontram neste labirinto, como se o único fim fosse ser devorado pelo Minotauro. No entanto, nosso desafio é como coloca Sousa (2017, p.25) atravessar este deserto das imagens imperativas e lugares totalitários, “rasgar um mapa para construir seu mapa, afirmar uma posição singular”.

O desafio aqui diz respeito às estratégias possíveis de desfazer as formas totalitárias, abrindo rasgos nos territórios que se apresentam como imagens absolutas, prescritivas, definitivas. O punhado de areia nas mãos é uma metáfora potente do ato analítico, do

¹¹ Rosa (2004) esclarece que em Lacan, os laços sociais são laços discursivos; as relações de linguagem entre as pessoas definem as maneiras diferentes de distribuição de gozo. O discurso, um discurso sem palavras mas não sem linguagem, dá conta das relações intersubjetivas. Essas relações constituem-se a partir da circulação de certos elementos que, ao transitarem por diferentes lugares, produzem laços sociais específicos e promovem diferentes efeitos ou sintomas.

ato criativo, do ato poético. ... a responsabilidade diante de um ato que faça diferença, ou seja, não renunciar a fundar um lugar de autoria, de protagonismo diante desses desertos da história. (p.25)

2.1 – Narrar, cantar, pesquisar com Eduardo

A palavra falada, a escuta da narrativa e a posição de testemunha é condição para o método da intervenção e da investigação psicanalítica. Lacan (1964/2008) nos coloca que a psicanálise se constitui em uma experiência dialética e nesse encontro dialético, onde um sujeito fala a outro, está colocada a natureza da transferência, a qual Freud (1912/2010), em “A dinâmica da transferência”, aponta como algo que ocorre de forma intensa na relação analítica, mas também na relação com as instituições e outras formas de acompanhamento/tratamento dos sujeitos, demarca que na transferência há o que poderíamos chamar de um jogo de forças¹², visto que manifestações e atos de ternura e hostilidade por parte do paciente são endereçados ao analista que o escuta, sendo assim é possível rastrear os movimentos da libido e pô-la a serviço da realidade do sujeito. A transferência é estruturante da relação analítica e na pesquisa psicanalítica também este campo transferencial é terreno fértil e diz da possibilidade de apontar a direção do desejo do sujeito. Assim, Rosa (2002, p. 4) explica que, “esse campo permite uma relação que estrutura a produção de saber do sujeito, desde que o psicanalista renuncie ao domínio da situação e, pontuando e interpretando, possibilite a produção de efeitos de significação no sujeito”.

É através da escuta da narrativa que a dimensão histórica do sujeito se mostra, esse sujeito do desejo, imerso e constituído pela cultura, ao narrar sua história, pode reconstruir seu passado a partir dos rastros¹³ encontrados na narração. Aqui entendemos história conforme Gagnebin (2009, pp. 42-43) que, citando o pensamento de Ricoeur, defende que “a história está mais próxima da poiesis, em seu sentido amplo, que da descrição positiva. ... a história é sempre, simultaneamente, narrativa ... e processo real”. Não nos interessa a descrição, mas sim a narrativização, que assim como a transferência diz de uma posição de discurso. Na relação transferencial o analista ocupa o lugar de susposto-saber e assim abre espaço para que o sujeito fale a alguém que ele supõem que já saiba sobre ele. Buscamos também a posição discursiva do narrador, que abre o espaço para a experiência compartilhada. Benjamin (1940/2012, p.221) nos elucida sobre a força da narrativa, sua dimensão viva e potente, coloca

¹² Freud (1912/2015, p. 139) afirma que “ali onde a investigação psicanalítica depara com a libido recolhida em seus esconderijos, uma luta tem de irromper, todas as forças que causaram a regressão da libido se levantarão como “resistências” ao trabalho, para conservar esses novo estado de coisas”.

¹³ Gagnebin (2009, p. 44) fala do conceito de rastro associado à problemática da memória. Assim a noção de rastro procura “manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença”. Da mesma forma a memória, segundo a autora, “vive essa tensão entre a presença e a ausência”.

que “imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”, nela encontramos o sujeito.

Eduardo narra sua história e canta em seus raps, compartilhando conosco sua experiência, produzimos juntos esta pesquisa. Aqui a música e a escrita entram como possibilidade de narrar, de compartilhar uma experiência e criar a partir dela. Pois conforme tão bem formulam Broide & Broide (2015, p. 77) “a palavra, tal como agulha e linha, tece o encontro entre as pessoas e permite a construção de caminhos alternativos”. Nos coloca, Poli (2005, p. 11) que “trata-se de tomar o “ato de fala” a sério, isto é, de reconhecer nos testemunhos dos que são capturados nesta experiência ... a colocação em causa de um saber inconsciente”. Neste sentido, é reconhecer a singularidade de cada sujeito a partir da escuta de quem vive a experiência, ou seja, o que é produzido no entre, em que ambos, analista e analisando, estão implicados em dar lugar na linguagem ao que é único do sujeito. Lacan (1964/2008, p. 158) afirma que “o que temos diante de nós, em análise, é um sistema onde tudo se arranja, e que atinge seu tipo próprio de satisfação”.

Dunker (2008, p.72) coloca que “uma narrativa precisa de uma situação, uma situação inicial, uma transformação, uma situação final”, portanto ela situa, aponta o lugar e ela age, apontando também, para uma transformação, para o novo. Dar lugar à fala do sujeito, dar lugar ao sujeito do inconsciente para ser possível um novo posicionamento através da narrativa. Assim, clínica e pesquisa psicanalítica se situam em uma mesma dimensão, visto que ambas possuem a transferência e a narrativização como critérios fundamentais.

E, ainda para além disso, ter presente, como bem conceituam Moraes & Kastrup (2010) que pesquisar com o outro requer uma torção na posição, que poderíamos chamar de clássica do pesquisador, aquela posição em que necessita que o outro seja alvo de nossas intervenções. É posicionar a postura de pesquisador naquele que intervém, sabendo que nossas práticas são vetores que produzem realidades, não há neutralidade nelas. O outro com quem pesquisamos é um *expert*, ou seja, ele possui o saber sobre o objeto da pesquisa, assim “no lugar da distribuição assimétrica que separa o pesquisador do pesquisado, entra em cena uma outra distribuição da capacidade de agir, isto é, aquele que é interpelado, torna-se ativo no sentido de participar ativamente do dispositivo de intervenção”. As autoras falam desta pesquisa engajada, situada no jogo da política ontológica, afirmando a pesquisa como prática performativa, fazendo existir realidades que não estavam dadas antes e que não existem em nenhum outro lugar senão nestas e por estas práticas. Coloca-se a prática em primeiro plano, quando acompanhamos um processo em ação, no fazer cotidiano daquelas pessoas que o vivenciam.

Assim, pesquisar a potência do encontro da psicanálise com a vivência adolescente na situação de rua, é praticar com Eduardo seu saber. É produzir esta realidade, dos encontros entre Eduardo e Mônica. É estar aberto para o que há de inédito e inesperado neste processo. E também ter presente de que nossas intervenções não são práticas neutras, distantes do sujeito, mas são justamente vetores para que se produza um sujeito.

A possibilidade de pesquisar com Eduardo veio a partir de um encontro com o adolescente, quando falávamos da sua vontade de escrever músicas e ele pensativo nos questiona:

- Você sempre gosta do que escreve?

Respondemos:

- Não acho fácil escrever. Mas é bom mostrar para alguém e ver como se sente quem ouve. Podemos fazer isso? Tu escreve e me mostra, eu escrevo e te mostro.

Ele segue:

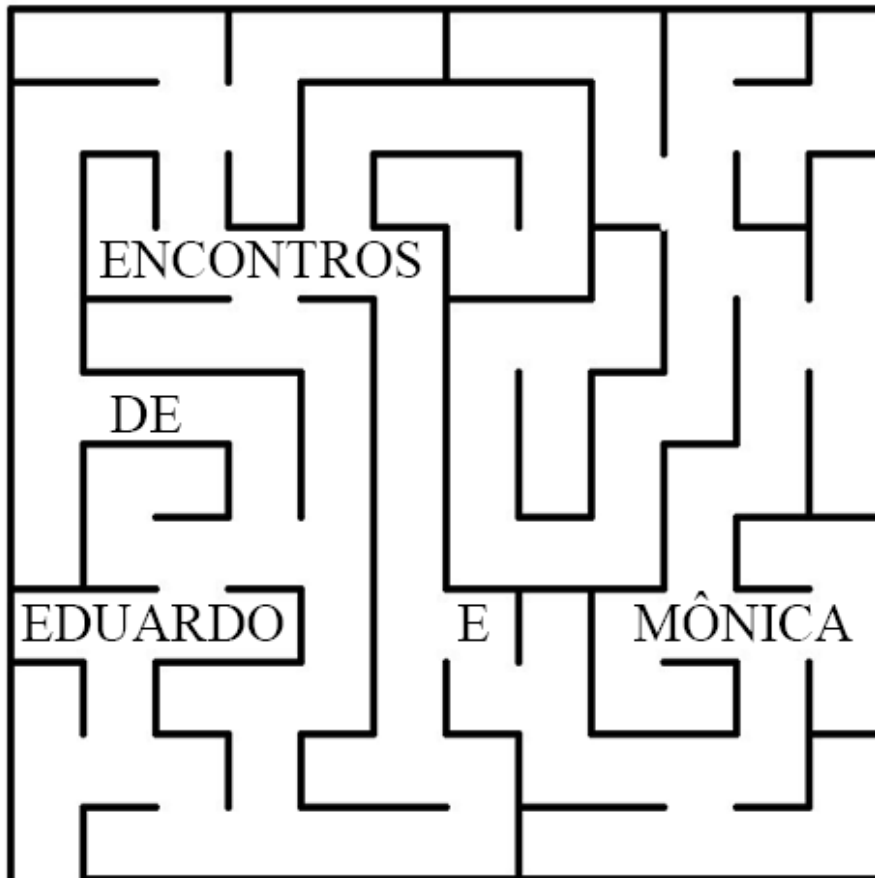
- Acho fácil escrever, mas as vezes acho que não ficou bom. Preciso de um caderno pra te mostrar.

Deste fragmento do encontro, propomos a Eduardo uma criação em conjunto, construindo como bem coloca Moraes & Kastrup (2010), uma relação aditiva, que leva em conta o referencial do outro, que se coloca de modo horizontal na relação pesquisado/pesquisado. Enquanto ele cria seus raps e constrói caminhos possíveis para si, escrevemos esta pesquisa, que diz dessa história narrada em música e depoimentos e, diz também, da construção de uma pesquisadora Mônica, que pode também escutar a partir de suas vivências e experiências.

Contamos para ele que nesta pesquisa se chamará Eduardo e os motivos já descritos em nossa introdução, devido a música “Eduardo e Mônica” e contamos-lhe também a história do mito de Teseu. Eduardo passa a nos fornecer dicas de como escrever, perguntando quantas páginas são possíveis e quantas contariam a sua história. Decidimos ir mesclando, um pouco de sua história e um pouco sobre o serviço de abordagem e nosso encontro. Assim, Eduardo mostra e entrega seus escritos testemunhais para que possamos elaborar um que é nosso, destes encontros, conversamos, contamos histórias e buscamos juntos a construção de uma nova posição, não sem medos, não sem angústias.

Eduardo possui portanto uma participação ativa na pesquisa e por isto advertimos ao leitor que a partir deste momento, buscamos realmente inserir Eduardo nesta escrita, sendo que, ouvirão, não somente a voz de quem escuta, mas a voz de Eduardo, narrando e cantando.

Assim, delimitamos uma segunda letra para demarcar sua voz para que o leitor tenha esta experiência do contato direto com Eduardo.



- [...]Que quer dizer cativar?

- [...] Significa “criar laços...”

- Criar laços?

- Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo. (Saint- Exupéry, 1981, pp.68-69)

3 – ENCONTROS DE EDUARDO E MÔNICA

Precisamos voltar a ver Eduardo, encontra-lo é sempre um desafio. Primeiro porque nos lançamos à cidade labirinto, adentramos suas passagens, trajetos que comumente não fazemos, vielas que não costumamos entrar. Nosso olhar se dirige aos cantos, às praças, ao movimento da rua. Porém, nem sempre avistamos nosso menino, na verdade, quase nunca. Quando o encontramos, atravessando as passagens, ele não para muito, não fala muito, está na correria, mas sempre nos dá a chance de manter o fio estendido, de tecer mais um pequeno laço, com um aceno, uma pergunta e as vezes uma rápida conversa.

Outro desafio desta busca são os efeitos destes encontros, invariavelmente entramos em um estado de choque, o encontro é como um choque, realidades distintas que colidem e são convocadas a sair do seu estado de conforto interno. Quando encontramos Eduardo, necessitamos nos despir dos nossos conceitos e valores e talvez ele também tenha que abandonar um certo jeito para poder nos estender a mão. Nestes momentos, aproximações também acontecem, aproximamos nossa fala, nossa linguagem, nossos gestos precisam ser reconhecidos e decodificados. Saber a hora de insistir, sabendo também a hora de parar e dar o adeus. Encontros criam movimentos e afetos. Como na música de Renato Russo: “ Eduardo e Mônica se encontraram sem querer e conversaram mesmo pra tentar se entender (...)”. Com Eduardo aprendemos que o entendimento de um e de outro leva tempo, vários encontros, ter paciência e insistência.

Em nosso ir e vir, voltamos para a sala do serviço, sem notícias, muitas vezes, ou com algumas (des)esperanças. Insistimos, insistiremos, sairemos mais vezes a percorrer este labirinto. Porque? Para que? A missão da proteção social, a sustentação de um laço possível que possa apontar saídas.

Em um dia, o telefone toca, é da Delegacia Estadual da Criança e do Adolescente (DECA), nos informam que Eduardo está lá, não conseguiram contato com familiares e ele referiu nosso serviço. Vamos até o local, audiência na Justiça Instantânea Juvenil, o ato cometido por Eduardo: assalto.

Diz assim: É o início de sua ficha criminal, é o pensamento marginal, tentando ser feliz apesar do pesadelo do passado.

Eduardo nos vê e agradece por nossa presença em lhe apoiar, pede pra avisar sua avó de sua situação. Ele nos justifica sua falta colocando que ela não gosta destes espaços da justiça. Colocamos a ele que iremos avisá-la e aproveitamos para lhe afirmar que estamos

juntos. Pegou Medida Sócio Educativa de Internação Provisória, será encaminhado à Fundação de Atendimento Sócio Educativo (FASE), nossos encontros serão lá agora, por 45 dias ou mais.

Alguns dias depois, encontramos sua avó, ela já tem a informação de que o neto foi pego pela polícia, na rua o tempo da informação é rápido! O tempo do serviço é um pouco mais lento, mais burocrático, após passarmos por discussões técnicas contando alguns percursos de Eduardo e sua família, agendamos um horário para atendê-lo na FASE. Lugar acinzentado, onde muitos adolescentes se concentram em alas, e rivalizam. Um misto de tensão e curiosidade nos invade quando adentramos o pátio e aguardamos Eduardo. Muitos olhares lançados a nós e uma sensação de ameaça e insegurança nos toma. Novamente a sensação de sermos estrangeiros, chegando em um mundo outro, distante de nossa realidade. Na FASE, existe um modo de existir, um modo de falar. Os trabalhadores são chamados de Dona (para as mulheres) e Seu (para os homens), os adolescentes tem gírias e rituais próprios daquele espaço. Chegamos na hora do pátio, Eduardo estava jogando futebol, logo que é chamado e nos vê, vem ao nosso encontro, vamos com ele para uma salinha apertada. Ali, distanciado da correria da rua, privado de sua liberdade, ele conta sua realidade, as palavras parecem lhe vir.

Estamos fora do labirinto? Ou em um certo recanto seu, sem tanto movimento, sem tanta tensão? A sentença já está dada, não há pra onde correr, ninguém na espreita, mas o Minotauro ainda respira e controla.

Assim, a palavra circula, Eduardo mostra ser um menino que está pensando em como encontrar saídas. Nos diz que não adianta nos falar que quer largar essa vida e na verdade quando está lá na rua continuar fazendo tudo igual, não era a primeira vez que estava ali, preso, e por esse motivo, sua sentença foi ficar por um ano e três meses em internação. Neste tempo, Eduardo passa por muitos momentos, houve uma tentativa de aceitar a ida para uma Fazenda Terapêutica, local para reabilitação de dependentes químicos, Eduardo fazia uso esporádico de drogas, dizia que não gostava muito, mas as vezes era necessário. Dizia não gostar também porque viu alguns dos seus familiares sofrerem por causa de drogas, cita sua mãe, usuária de crack, que morreu por não fazer o tratamento adequado para AIDS.

- Mãe, você se foi e eu não pude me despedir, a saudade bate forte no meu peito. Lembranças que ficaram na memória de recordação. Não pude fazer nada ao ver você no fundo do poço. Fé e esperança é o que eu mais tive de não ver você triste, sempre contente com um sorriso no rosto. Não posso mais mudar o passado, mas posso mudar o futuro!

Eduardo faz todo o processo de triagem para entrada na Fazenda Terapêutica e no dia que será encaminhado ao local, foge assim que lhe tiram as algemas para entrar no veículo que o transportaria. Nosso menino volta à rua, nossa sensação é de perda, derrota, mas também de um certo alívio, pois sabíamos que a Fazenda Terapêutica seria também penoso para ele.

Nas ruas novamente, Eduardo volta ao centro da cidade, ficamos sem conseguir encontra-lo, já conhecemos este processo, voltamos a buscar, em saídas sistemáticas, um novo momento de encontro. Conseguimos apenas avistar e observar a sua movimentação em um dos ambientes mais agitados deste labirinto. Até que mais uma vez ele é pego em ato infracional, porém, desta vez não nos avisam. Por acaso, estávamos no DECA acompanhando outro adolescente e encontramos o nome de Eduardo listado para as audiências daquela tarde. Conseguimos entrar para acompanhar sua conversa com o defensor, quando ele nos vê, tem uma reação de espanto e vergonha e nos diz:

- *vocês ainda não desistiram de mim?*

- *Vamos de novo Eduardo, estamos juntos, lembra? – é nossa resposta.*

Eduardo ensaia um sorriso de agradecimento, novamente nenhum familiar para acompanhar sua audiência, retorna à FASE e lá ficará por mais um ano de sua vida. Eduardo segue com suas (auto)críticas e começa a pensar também no que fará depois desta sentença.

No início sempre foi assim, o pobre na favela não tem chance de se tornar feliz, falta muita precaução, o que a justiça pensa? Desde moleque já ganhei até sentença. O governo brasileiro não nos representa, buscarei por paz e também justiça, povo da favela vive numa guerra que não tá perdida. Os sonhos não acabam e a vida continua eu creio que um dia essa guerra será vencida.

Na FASE Eduardo fez cursos preparatórios para o mundo do trabalho, avançou na escola. Nos nossos encontros se mostrava motivado em sair e seguir com os cursos que lhe seriam ofertados e que lhe trariam uma renda, através de bolsa-auxílio. A avó vinha lhe visitar quinzenalmente trazendo notícias da família. Sua irmã mais velha estava no abrigo, seus tios seguiam presos. O plano era Eduardo sair da FASE e residir com uma tia. Tudo certo, Eduardo motivado, família concordando com seus planos, acreditamos juntos.

Eduardo sai da FASE, vai para a casa da tia. No dia seguinte nos visita na sala do serviço, a avó já parece meio contrariada com ele, sabendo de algo que não nos foi dito. Fazemos as ligações necessárias para que ele passe a frequentar os cursos. Naquela tarde,

Eduardo vai para o centro e não retorna para casa, no outro dia, não chega no curso. Eduardo volta ao centro, engolido pelas armadilhas do labirinto mais uma vez.

E a história se repete, após alguns meses, retorna à FASE, ele está com 16 anos, quase 17. Agora em nossos encontros a música começa a aparecer em seu discurso, Eduardo vai se descobrindo rapper e apostamos com ele nisso. Se pergunta e nos pergunta se é bom nisso, se é possível entender o que ele escreve. A cada encontro uma música criada, uma música cantada. Vamos pensando com ele as possibilidades de seguir neste caminho, talvez tenhamos descoberto um caminho! Eduardo ganha força, confiança, na FASE é reconhecido por seus raps. Deixamos de lado as expectativas de cursos ou a colocação no mercado de trabalho, sem antes ele se experimentar Eduardo, rapper, negro, da periferia.

Os encontros passam a ser espaço de criação e endereçamento de seu conteúdo musical e de luta. Eduardo é daqueles meninos que conversamos e saímos esperançosos, parece que sempre é possível apostar mais um pouco. Poderia Eduardo ser herói neste labirinto? Nossos encontros trazem esta potência, do herói, daquele que luta e defende seu povo. Com Eduardo, respiramos, nos arejamos de um ambiente cotidiano (aquele que a vivência da rua provoca), a liberdade que Eduardo sabe ter na rua e que paradoxalmente o aprisiona em um modo de existir, com pouco espaço para refletir, vias únicas, sem escolhas, apenas se deixar agir. Quando estamos juntos a crítica é possível, o protesto se faz presente.

- O meu protesto sempre vem com um objetivo é pra lutar contra o sistema e contra o racismo, brigo pela paz e justiça do meu povo, quero moderação pra viver um mundo novo. O negro não quer só revolução, ele quer ser visto como um cidadão. Pobre, preto, que mora na favela, este é o protesto de quem vive nessa guerra.

Vemos também a luta interna de Eduardo, um querer seguir esse novo caminho, tendo que percorrer os já conhecidos, tendo que desviar das armadilhas e passagens familiares. Ele sabe que existe o que está designado para ele e que percorrer novos caminhos lhe exige novos modos e certos rompimentos na vida.

Sai da FASE um dia depois de completar 18 anos. Sai com sua avó, que já havia dado o recado que um dos seus tios estava também saindo da prisão e o aguardava. Eduardo na audiência canta um de seus raps ao juiz e afirma sua potência perante a justiça. Liberado, vai buscar seus pertences na FASE acompanhado de sua avó, porém, não chega na casa da avó, não vai a nosso encontro, fica nos velhos e conhecidos caminhos do labirinto, para quem sabe um dia poder percorrer outros, aqueles que avistamos juntos. O fio segue, enlaçando, esticando, tencionando para que mais uma vez o encontro aconteça. Eduardo nos abandona e

não deixa ser encontrado, assim como nosso herói Teseu do labirinto, ao final de sua jornada, após encontrar o caminho para a saída, abandona Ariadne, não se sabe bem o motivo, mas ela acorda sozinha após ter viajado para outra cidade com Teseu. Não há um final feliz e nem bem mesmo um final, talvez o início ou os entremeios para que escolhas sejam feitas. Eduardo descobriu-se rapper, tem sua potência e pode fazer diferente, enfrentando o Minotauro. “E quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração e quem irá dizer que não existe razão...”

3.1 Percorrendo o labirinto

Ao percorrer este labirinto de que falamos, o que mantém o sujeito vivo? Broide & Broide (2015, p. 27) nos fazem esta questão e trazem uma importante consideração como resposta e como direção no trabalho de sustentação deste fio da vida. “Se ele está vivo, ancoragens existem”. Trabalhar baseado nas ancoragens do sujeito é justamente considerar a relação transferencial, implica incluir no atendimento/escuta recursos sociais e simbólicos que se tenha acesso. Olhar em volta, buscar novas passagens, construir alternativas. Escutar e traçar, a partir da narrativa, as alianças que foram construídas, os laços feitos.

Ali onde se imaginava uma situação sem saída, vislumbrar portas de emergência, ou ainda, no lugar das certezas, o exercício das possibilidades. Esse trabalho, portanto, exige que profissionais, equipes, usuários e instituição suportem as angústias envolvidas na criação de estratégias de enfrentamento das vulnerabilidades a partir da negociação e da criatividade. (BROIDE & BROIDE, 2015, p. 37)

Suportar, insistir, resistir, são verbos muito atuados pelas equipes da abordagem social, até encontrarmos saídas neste labirinto, nos deparamos com muitos muros e obstáculos. Já que falamos aqui de um sujeito capturado pelo campo do laço social e da política, precisamos construir coletivamente saídas possíveis, usando a rede¹⁴ de que dispomos, para que as resistências em nossa escuta não nos façam parar ou soltar o fio.

Rosa (2016) nos alerta para esta resistência na escuta, afirmando que para além da dimensão de cada sujeito, “há no analista uma resistência de classe social na escuta clínica desses sujeitos”, sendo este um forte entrave à escuta clínica nestes contextos sociais críticos.

Entendemos que tomar esse outro degradado no discurso social como um sujeito do desejo, atravessado pelo inconsciente e confrontado com situações de extremo desamparo, dor e humilhação, situações geradas pela ordem social da qual o

¹⁴ Pensamos essa rede de forma ampla, entre serviços, comunidade, coletividades. Conforme Torossian (2016, p. 31) “uma rede topológica, sem divisão entre o dentro e o fora, entre o comunitário e o coletivo. Um apelo à tessitura de encontros e experiências”.

psicanalista usufrui - “... é levantar o recalque que promove a distância social e permite-nos conviver, alegre, surdos, indiferentes ou paranoicos, com o outro miserável. Nessas situações, a escuta supõe *romper com o pacto de silêncio do grupo social* a que pertencemos e do qual usufruímos”. (ROSA, 2016, p. 48, grifos da autora)

Em um encontro Eduardo indaga:

- O que tu entende sobre a sociedade negra?

Lembro deste instante em meu privilégio em ser branca, e como uma amiga me disse certa vez quando indaguei sobre nossa diferença ancestral, eu branca e ela negra, porém brasileiras, ela com toda a razão e propriedade me diz: “Nossos ancestrais vieram em navios, porém os teus vieram na parte de cima do convés”. Me espanto com a questão de Eduardo, busco uma resposta pronta, me questiono e lhe devolvo o incomodo:

- Bem pouco, sou branca, sei que é um povo bastante oprimido, mas talvez tu possa me dizer mais sobre a sociedade negra, como é pra ti fazer parte dela?

- *Sociedade negra que luta contra o racismo, já sofreu demais, passou por egoísmo, tudo isso no Brasil, sempre acontece, cadê os meus direitos, meu povo não merece. 90% dos negros brasileiros, ainda hoje em dia, sofrem preconceito. Não aceitam protesto e manifestação, em nome do negro, que droga de nação.*

Mandela que lutou contra o preconceito, mostrou pra sociedade que não era desse jeito, fez a divulgação da carta da liberdade. Política racista ainda é covarde. O movimento negro social é a minha luta contra o preconceito racial. Congregação hipócrita e racista, fala mal do preto e fecha portas na justiça. A sociedade promove a desigualdade racial, enquanto o pobre o e preto ainda passa mal, a fatalidade negativa do governo, acha bonito ver o país do mesmo jeito, o preconceito só aumenta a cada dia que passa é racismo no trabalho e a justiça que nunca faz nada, O movimento negro, busca a revolução contra o preconceito e que os negros tenham seus direitos. A lança da nação é o símbolo ante o racismo, Nelson Mandela que mostrou qual que era seus princípios. Sem essa de preconceito e vida separada, é um, dois, três, força na palavra. O preto sofre descriminação e o racismo é um câncer na mente do cidadão.

Eduardo canta este rap em resposta e diz estar pensando sobre isso, sobre o racismo e as oportunidade que terá enquanto rapaz negro no mercado de trabalho.

Como minha escuta pode mover Eduardo deste lugar da exclusão? Optei por reconhecer que fazemos parte de classes e raças diferentes, vivenciamos o mundo de modos

diferentes. Ambos em “festa estranha com gente esquisita”¹⁵. Mesmo que a intenção do rap seja falar de seus iguais, quando ele é endereçado a mim, ao diferente, ele toma sua potência de constituição subjetiva. Kehl (2000, p.212) escreve sobre os rappers e a intenção desta música em falar aos iguais, os “manos”, procurando “ampliar a grande fátia dos excluídos, fazendo da “consciência” a arma capaz de virar o jogo da marginalização”. Assim, apelam para as escolhas de cada um, para as mudanças de atitude e valorização de cada negro e morador da periferia. “A voz do cantor/narrador dirige-se diretamente ao ouvinte, ora supondo que seja outro mano – e então avisa, adverte, tenta “chamar à consciência” – ora supondo que seja um inimigo – e aí, sem ambiguidades, acusa”. Vemos isso nas letras que Eduardo cria.

- Aí menor, não entra nessa de ficar vendendo drogas nas esquinas, seu lugar é na escola, longe dessa vida de menor que cresceu longe do estudo, é o mesmo que rouba o playboy, que ainda sai com lucro e o início da sua ficha criminal, o pretexto da verdade é o pensamento marginal, não é nada normal, para ele ser assim, escondendo seu passado, tentando ser feliz apesar do pesadelo do passado.

O início de carreira, pra você tá tudo bom, arma, dinheiro, mulher à disposição, isso é ilusão, o que te oferecem é a morte. Só tá vivo nessa vida quem tem muita sorte. Quantos que eu vi entrar, na hora da saída não consegui largar. É essa é a verdade, que o crime não compensa, para e pensa, quantas besteiras que você já fez? De tentar acertar, não erra dessa vez, esse caminho é de fogo cruzado, aonde você morre ou é condenado, diga não, aonde você morre ou é condenado, culpado pelos atos, diga não ao crime, só precisa de um passo.

Crime, armas, drogas, aí moleque, não entra nessa porta, crime, armas, drogas, larga essa vida e vai pra escola. Crime, armas, drogas, digo pra você não colar nessa roda. Tantos jovens hoje em dia são notícias de jornal, vítimas do crime e do preconceito racial, não é natural essa sua vida, larga a escola e vende cocaína, briga por justiça, apanha feio na vida, joga fora seu futuro na ponta das esquinas, nessa ida e vinda, obstáculo sempre tem, o crime é um labirinto e faz você refém.

Kehl (2000, p.218) ainda aponta para o que também acreditamos como potência do encontro, no mergulho do sujeito em sua própria história que provoca o distanciamento necessário para que se possa pensar sobre a realidade, em “uma aceitação ativa, não conformista, da própria condição, do pertencimento a um lugar e a uma coletividade”. Através

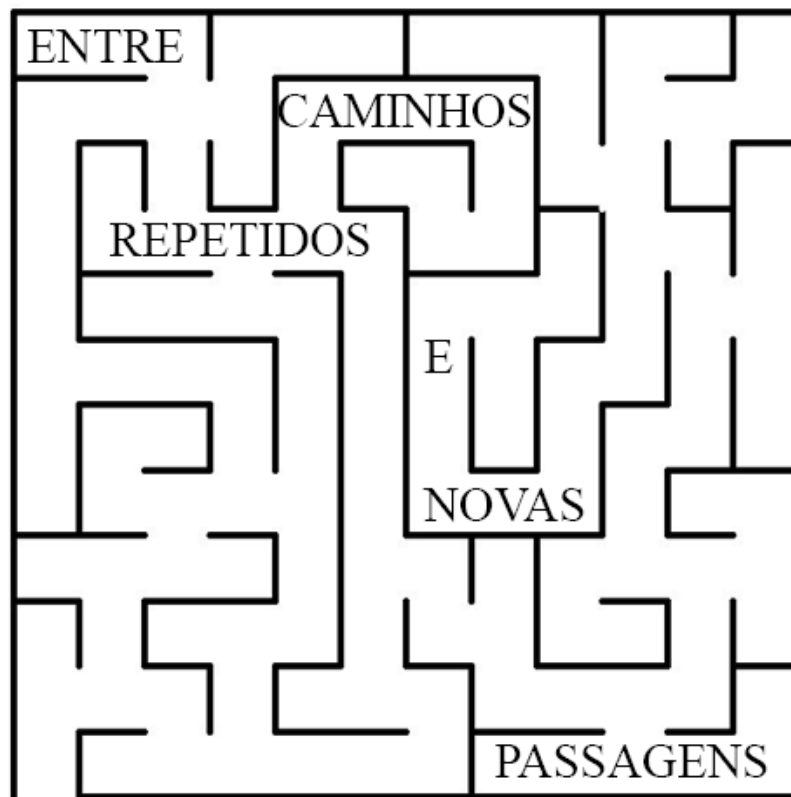
¹⁵ Trecho da música Eduardo e Mônica

do rap, Eduardo fala, buscando suas identificações, vozes que provoquem nele a força da mudança.

- Favela lugar de sinônimo de guerra é mais um pivete sendo morto na viela. Lá a polícia é corrupta e a mídia nunca enxerga. Eu sou o ME¹⁶ sobrevivente dessa guerra.

Essa guerra que nós enfrentamos juntos, de lugares diferentes, porém juntos, buscando esta aceitação ativa, fazendo algo com o que nos é dado, nos lançando para a vida. Buscando percorrer a perspectiva do que Nietzsche (1887/2010) chamou de Amor Fati (do latim “amor ao destino”) significa aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos. Enfrentar a guerra, neste sentido, nos parece que significa suportar as idas e vindas dos sujeitos, as repetições, os modos de existir e o tempo necessário para que movimentos subjetivos aconteçam. O desafio é manter a postura de descoberta, àquela que já falamos anteriormente, onde o analista não procura, mas acha.

¹⁶ ME significa Mano Edu, alteramos a sigla na letra original para preservar a identidade de Eduardo.



E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente, em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pensaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela? (Nietzsche, 1887/2010, p. 205)

4. ENTRE CAMINHOS REPETIDOS E NOVAS PASSAGENS

Neste percurso, tecido e percorrido com Eduardo, nos chama a atenção os caminhos de repetição e as tantas vezes que descobrimos novas passagens e acabávamos saindo no mesmo beco, no mesmo muro. Nesse eterno movimento que a repetição nos convoca e que por meio dele a vida se faz. Temos aqui outras questões que provocaram esta pesquisa: como romper com o círculo de repetição? Será possível Eduardo fazer diferente do que lhe foi transmitido? Será possível olhar e escutar as histórias de sua família do ponto de vista da tradição e a partir disto construir uma história que é sua, marcando sua singularidade?

4.1 – Repetição e transmissão

Em uma de nossas conversas lhe pergunto sobre a história de sua família.

- Não. Não sei muito, mas vou contar uma por cima o que eu sei, por que teve um tempo que eu perguntei pra ela: ô mãe¹⁷, porque a senhora não escreve a sua história num papel, vai fazendo tipo um livro e me dá pra mim ler que eu faço uma música em cima da história. Não, a minha história é só minha, só eu sei o que aconteceu e a minha história é muito grande, não ia ter livro pra escrever, daí no caso eu sei que quando eu era pequeno, e a falecida Jaque, minha vó, meus tio e minha mãe, tavam tudo num bar, e daí a minha avó tava bebendo e tinha um amigo da minha avó que tava ali conversando, daí a Jaque sentiu ciúme dela e subiu lá pra casa, eu morava na Nonoái, e daí ela foi e tocou fogo na casa. Daí tava eu e minha irmã dentro da casa dormindo, daí falaram, o pessoal ali perto falaram que tava pegando fogo numa casa lá em cima, daí minha vó chegou lá, minha mãe, meu tio, minha tia, daí começaram a chorar lá, falaram que eu e minha irmã tinha falecido, só que daí tinha um vizinho que era nosso parente também que conseguiu tirar nós lá de dentro, só que aí o cachorro que morreu queimado embaixo da cama.

O que vem na história de Eduardo primeiramente é um não saber, Eduardo nos conta uma experiência traumática vivida em sua infância, uma casa em chamas, amores que matam e o resto é silêncio, não-dito. Tocamos aqui na problemática da transmissão, o que é transmitido e o que é possível fazer com o que vem?

Freud (1913/2012) nos mostra, em Totem e Tabu, que existe uma certa transmissão entre as gerações que se traduz em uma tradição, formando um modo de organização, leis e

¹⁷ Aqui Eduardo chama sua avó de mãe.

laços sociais. Por meio do tabu¹⁸, transmitido como algo proibido, ou ainda, como uma lei que impede que algo injusto ou perigoso aconteça, que tem seu fundamento em “uma ação proibida, para a qual há um forte pendor no inconsciente” e pelo totemismo, são expressas leis e restrições de acordo com os laços estabelecidos, que vão sendo transmitidos e “por essa via de compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e estatutos deixados pela relação original com o pai primevo, também as gerações posteriores podem ter assumido esta herança afetiva”, podemos entender que o que nos é transmitido nos dá balizas e contornos simbólicos.

Endo (2011, p.76) coloca que “a transmissão é também, e sempre, a transmissão dos silenciamentos, dos segredos e dos sintomas”. Walter Benjamin (1936/2012), traz a discussão da transmissão da experiência na sociedade moderna, colocando que há um enfraquecimento da dimensão da experiência e conseqüentemente de sua transmissão, a experiência que tem sua dimensão do compartilhamento a partir da narrativa e que assim é também incorporada à experiência do ouvinte, foi suprimida pela experiência vivida, pela informação de uma vivência individual, impossível de compartilhamento, que não faz memória e é apenas momento vivido.

Rosa (2016, p. 61) ao falar da transmissão alerta que não dizer tem efeitos nas futuras gerações e assim, “o não dito pode, na impossibilidade de articular saberes, ser expresso em sintomas, angústias ou inibições, ou gerar repetições em ato, repetição desatualizada ou fora do contexto”. O que se repete está inconsciente e conforme Freud, a repetição substitui o recordar, se repete através da atuação (acting out), sem saber o que está se repetindo. “Repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas”. (FREUD, 1914, p.167).

Entende-se que estas vivências traumáticas, de abandono, de desamparo e os silenciamentos estão sempre sendo repetidas, atuadas, no vínculo, nas relações. Nesse sentido Kehl (2011, pp. 51-53) também coloca que o efeito do trauma é a repetição. “O silêncio e o esquecimento do fato traumático vão conduzir à repetição. ... O trauma precisa ser incluído no campo simbólico para ser elaborado”.

Freud (1920/1996b), em Além do princípio do prazer, traz a partir da neurose traumática o conceito de compulsão à repetição que surge no tratamento psicanalítico, visto que “os paciente repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções

¹⁸ Freud (1913/2012, p. 60) coloca que “os tabus seriam proibições antiquíssimas, impostas uma vez a uma geração de homens primitivos, ou seja, neles inculcadas violentamente pela geração anterior”.

penosas”, associa a repetição em relação ao princípio do prazer, enfatizando a mudança de posição do paciente, da passividade do evento traumático à postura ativa na repetição, usando como exemplo a brincadeira das crianças, a brincadeira do carretel, ou do fort-da¹⁹. Freud aponta que o que é atuado e repetido traz a marca do que foi recalcado e esquecido. Assim a compulsão à repetição está ligada ao princípio do prazer e demonstra que a vivência de prazer e de satisfação está intimamente ligada à noção de pulsão de morte²⁰, uma vez que esta visa se livrar da tensão do organismo e busca conservar um estado inanimado, um retorno a um estado anterior. O movimento repetitivo seria então uma forma de dominar o excesso de excitação provocado pelo trauma. Freud aproxima o trauma à vivência do susto, e não do medo ou ansiedade que pressupõem um objeto definido ou uma preparação frente a possibilidade de um perigo, mas o susto “é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele”. O trauma surpreende e a repetição seria assim motor para elaboração. Vemos então a repetição ligada a ação de retornar ao inapreensível da pulsão, sendo então o sujeito compelido a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências. “Essa perpétua recorrência da mesma coisa”, o eterno retorno nietzschiano.

Até aqui vimos que em Freud a repetição é um movimento do inconsciente que visa o retorno a um estado anterior e a elaboração da vivência traumática. Em “O Estranho”, Freud, trata disso que amedronta, que causa estranhamento e até mesmo o sentimento de ambivalência que o que é estranho provoca e aproxima este isto ao que é familiar, partindo da palavra *heimlich* (familiar) que pode significar o mesmo que seu oposto *unheimlich* (estranho), algo pode causar estranheza e familiaridade ao mesmo tempo, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”, algo que se repete, já conhecido, que retorna como estranho, como diferente.

Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self). E, finalmente, *há o retorno constante da mesma coisa* – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes,

¹⁹ Brincadeira de um menino de um ano e meio, observada por Freud, de desaparecimento e retorno de um carretel, que Freud associa à vivência traumática de partida da mãe e a experiência de seu alegre retorno. Porém esse movimento era repetido diversas vezes pela criança, transformando isso em um jogo, que justamente por esse movimento repetitivo era possível passar a um papel mais ativo. “a criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta”. (FREUD, 1920/1996b, p. 27)

²⁰ . Neste texto Freud nos apresenta esta dualidade da pulsão, conceitualiza a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte (Tanatos). Laplanche e Pontalis (2001), as pulsões de vida abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação; as pulsões de morte tendem par a redução completa das tensões, isto é tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico, nelas se realiza de forma eminente o caráter repetitivo da pulsão.

através das diversas gerações que se sucedem. (FREUD, 1919/1996a, p. 252, grifo nosso)

Falamos de um familiar que retorna, em seu duplo, causando estranheza ao se apresentar diferente. Assim, essa diferença é o que há de novo nesta repetição.

Para Lacan, a repetição articula o simbólico e o real, se apresenta como a insistência da cadeia significante, o *autômaton*, e o encontro com o real, a *tiquê*²¹.

O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*. ... não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida. ... O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz – a expressão nos diz bastante sua relação com a *tiquê - como por acaso*” (LACAN, 1964/2008, p.59)

Cabe aqui destacar que *tiquê* se refere ao encontro com o real, possuindo esta dimensão da falha, como se algo sempre escapasse, mas também como este acaso, um encontro que pode ser o bom encontro da surpresa. Assim, Lacan (1964/2008, p.65) afirma que “a repetição demanda o novo” e que o que o sujeito visa é aquilo que não está lá enquanto representado, assim há algo de um retorno, mas não como reprodução e sim como a necessidade de se produzir algo novo. Tiquê Por esta dimensão de novidade que comporta a repetição que concordamos com Rodolfo (2012, p. 74, tradução nossa) quando afirma que “o voltar a começar da repetição inicia com algo novo” e assim temos a possibilidade de apontar para novos começos.

Portanto podemos pensar que romper com o ciclo de repetição, talvez seja poder acessar a potência da diferença nesta repetição. Se faz necessário que Eduardo inclua em seu campo simbólico suas vivências traumáticas, não silencie e também não somente atue, mas produza. Assim seus raps que denunciam um discurso de exclusão aprisionante e fatalista se constituem em um espaço simbólico para significar a repetição e criar com ela saídas diferentes.

Deleuze nos aponta a repetição como uma potência singular, na possibilidade de fazer da própria repetição algo novo, exprime uma potência do existente, que resiste. Assim ele coloca:

se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade, um notável contra o geral, uma universalidade contra o particular, uma eternidade contra a

²¹ Lacan (1964/2008), no Seminário – livro 11 – sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, utiliza este dois termos da física de Aristóteles, *autômaton* e *tiquê*, para tratar da função da repetição.

permanência. Sob todos os aspectos a repetição é a transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística. (DELEUZE, 1988/2006, p.21)

Deleuze traz como função da pulsão de morte os fenômenos da repetição, coloca que compõem a pulsão de morte três exigências paradoxais complementares: “dar à repetição um princípio original positivo, um poder autônomo de disfarce e, finalmente, um sentido imanente em que o terror se mistura intimamente com o movimento de seleção e liberdade”. Explica que Eros e Tânatos distinguem-se no seguinte: Eros deve ser repetido, só pode ser vivido na repetição; mas Tânatos (como princípio transcendental) é o que dá a repetição à Eros, o que submete Eros à repetição”. Assim, por ter um caráter simbólico e também de disfarce, a diferença é compreendida na repetição.

Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. [...] Quando o corpo conjuga seus pontos notáveis com os da onda, ele estabelece o princípio de uma repetição, que não é a do Mesmo, mas que compreende o Outro, que compreende a diferença e que, de uma onda e de um gesto a outro, transporta esta diferença pelo espaço repetitivo assim constituído. (DELEUZE, 1988/2006, p. 48)

É possível retomar aqui a importância do que é transmitido, que constitui e se insere na cadeia significativa, enquanto signos que serão repetidos, um modo de subjetivação. E que na adolescência diz dessa movimentação da constituição psíquica.

Em um encontro com Eduardo conversamos sobre sua ambivalência em o que fazer após sair da FASE:

- E porque que tu fica em dúvida de trabalhar, estudar ou ir pra rua roubar?
- *Porque as vezes até é emoção na verdade.*
- De ter emoção? De gostar de fazer essas correrias?
- *Gostar eu não gosto, mas é o que me ensinaram. Mas que nem eu falei, eu to aqui preso, eu quero melhorar, só que vem dois pensamentos ao mesmo tempo, eu penso em sair daqui e trabalhar, ir lá pro CPCA²² e cantar umas músicas que nem eu to cantando, só que ao mesmo tempo vem o pensamento de eu sair daqui e roubar, traficar, ou até fazer coisa pior. Mas sempre fico pensando, mas eu vou sair daqui, vai ver eu vou pro Central, nem visita eu vou ganhar, fora que o Central não é que nem a FASE.*

²² Centro de Promoção da Criança e do Adolescente, instituição de Porto Alegre que atua no setor da assistência social.

Gurski (2012, p. 116) ao falar de herança e transmissão refere que “ o adolescente talvez possa ser tomado como o paradigma social do herdeiro, aquele que testemunha uma herança tanto em termos pessoais quanto geracionais” É tarefa do adolescente encontrar um lugar próprio de enunciação, porém, ainda conforme a autora, que apoiada em Benjamin e Arendt deflagra que vivemos em uma época de perda da tradição interpelam o sujeito a agir, “buscando promover, partindo-se de seus atos, um lugar de representação nos laços discursivos”. Nos deparamos portanto com um laço social que não constrói possibilidades outras de elaboração do encontro com o real.

4. 2 – O laço social, a repetição do lugar da exclusão:

- Ontem eu estava escutando uma música, que o nome do grupo é tribo, mas o nome da música é Servos da guerra, daí eu fiquei pensando que, que nem eu tava te falando, em sair daqui e trabalhar, mas ao mesmo tempo fazer tudo errado de novo, daí eu fiquei pensando bah aí ó, o cara contava uma história que ele roubava, daí ele matou um cara num assalto lá, daí ele pegou e conseguiu largar o crime, daí ele tava fazendo tudo certo, só que daí do nada vem um mandato de prisão, daí ele foi preso, daí ele foi preso, quando ele saiu da cadeia e voltou a fazer tudo errado de novo, daí no final ele pegou e tomou uns tiros e daí sobreviveu, daí ele largou o crime, daí fiquei pensando, bah aí ó, o cara conseguiu, porque eu não consigo?

Que laço social é este que aprisiona e faz com que o sujeito se despotencialize, ou ainda em nossa questão, que laço é esse que constitui nosso adolescente? Moreira et al (2013) conceitualizam de modo claro o laço social pensado pela perspectiva psicanalítica, referem que “pode-se definir o laço social como uma estrutura simbólica sustentada pela linguagem e pelo que ela não alcança (real), que, a partir da configuração que define o campo da alteridade, mantém o sujeito no discurso e, conseqüentemente, na relação com os objetos”

Podemos então compreender que existe no laço social contemporâneo, um discurso de inclusão-exclusão, que atuam simultaneamente e complementarmente, e produzem subjetividades. No relato de Eduardo é possível visualizar esta polaridade, aquele que faz certo, que se inclui e acessa uma certa norma social e o que faz “tudo” errado, o criminoso. Eduardo se inscreve no discurso dos excluídos, dos invisíveis, daqueles que através do ato (infracional) fazem um apelo ao Outro, que como nos coloca Rosa (1999, p. 215) “este parece ser o pedido dos “meninos de rua”, o ato, sempre repetido, comemora este encontro com o real”. Moreira et al (2012) ressaltam ainda que

esse destacado movimento de inclusão cultural e exclusão social acaba por fomentar a adesão dos historicamente marginalizados aos meios clandestinos de acesso ao banquete farto, à diversão total prometida pela cultura de consumo na qual estão imersos. Porém, é por esse mesmo processo que, num circuito perverso, terminam por ser encampados pelo sistema penal, pronto para acolhê-los em suas malhas punitivas e, assim, confirmar seu status de marginalizados, de socialmente excluídos. (p. 407)

A exclusão social está dada no modelo neoliberal de sociedade, e tem como consequências a violência e a pobreza afetiva e intelectual. Visto que os incluídos são aqueles que podem ter acesso aos bens de consumo, “os excluídos” como ressalta Poli (2005, p.37) “menores de rua, mendigos, desempregados, imigrantes, etc. – são fundamentalmente, no senso comum, aqueles que portam a marca de uma diferença que impede seu acesso ao que é reconhecido como ‘norma social’” Ressaltamos também aqui a importância de levarmos em consideração o lugar que este adolescente, que vem da periferia, que vive nas ruas, ocupa no discurso social, pois justamente este lugar de resto, de excluído e a identificação do sujeito com isto é o que vai dificultar seu posicionamento na trama de saber e que vai caracterizar seu discurso, marcado, por vezes, pelo silenciamento. (ROSA, 2016, p. 45)

Para a psicanálise a adolescência se refere a um intenso trabalho psíquico, assim, há várias adolescências, não há como acreditarmos que podemos conhecer previamente o adolescente, apenas por estar nesta faixa do desenvolvimento, cada um expressa uma adolescência singular e condizente com sua condição de sujeito desejante. Se constitui em um processo trabalhoso e com várias intensidades. Assim, o adolescente acaba por se assemelhar a um imigrante, buscando seu lugar. Seu dilema está em reconhecer-se e ser reconhecido. Todo esse processo se dá no laço social e o discurso social parece incidir de modo mais intenso nas famílias em situações sociais críticas. (Rosa & Vicentin, 2010)

Broide (2012) também nos esclarece que a vida de jovens em situações sociais críticas ou em vulnerabilidade social²³

torna-se uma corrida de obstáculos. Eles passam por várias situações-limite, mas a qualquer momento podem tropeçar no obstáculo e cair. ... Os acontecimentos destrutivos podem ocorrer a qualquer instante. Um conflito, a polícia, uma infração legal, um boato, podem derrubar esse adolescente. ... Quanto maior a pressão, maior é o esgotamento psíquico e a dificuldade do pensamento e da construção de um projeto de vida (p.103)

²³ Castel (1997) atribui o conceito de vulnerabilidade ao contingente de indivíduos que estão estariam fora das relações sociais tradicionais de um padrão de proteção social devido à crise social . O autor conceitua “zonas” de vulnerabilidade como: um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoado de indivíduos em situação precária na sua relação com o trabalho e frágeis em sua inserção relacional. É a vulnerabilidade que alimenta a grande marginalidade ou a desfiliação.

Lembramos o quanto é difícil pensar com o adolescente em seu projeto de vida, quando ele está na rua. Com Eduardo, o pensar e projetar o diferente, parecia estar sempre condicionado a uma situação de confinamento, privado de estar na rua, ele parece poder fazer planos, no entanto também se vê neste lugar do vulnerável, daqueles que sofrem da exclusão das políticas e serviços públicos. Kehl(2000, p. 223) também demonstra esta dificuldade de se ter uma fala própria, ou mesmo um lugar onde se possa falar, quando se está destinado, pelo Outro, a ser o “efeito colateral que seu sistema produz”. O que se estabelece é um discurso de exclusão repetitivo que aprisiona o jovem em um estilo de vida marcado pelo consumo imediato e individualista.

Assim, diante da falha de saber no real, que se presentifica para todos, a trajetória de alguns jovens parece conduzi-los a estratégias de inscrição (e não de segregação) no laço social pela via do crime. Nesse sentido, diante de fenômenos característicos da puberdade (como o esfacelamento da imagem, a impossibilidade simbólica de dizer das mudanças físicas e afetivas e do real que irrompe com o encontro com a sexualidade - ou castração), o saber do crime poderia ser pensado como um Outro que garante uma resposta e uma inscrição no laço social. (Guerra et al, 2012, p. 259)

O desafio colocado é o de abrir novas passagens nestes caminhos de nosso labirinto. Repetir caminhos é inevitável, mas a possibilidade de encontrar neles novas passagens está dada também. Ainda que a repetição do que foi transmitido, do silenciamentos, das vivências traumáticas aconteça em ato, e, ainda que o discurso do laço social crie um círculo vicioso, cabe pensar como nos coloca Moreira (2016, p.22) “em dois tipos de repetição: uma repetição do mesmo e uma repetição diferencial” sendo que “a repetição diferencial pode ocorrer articulada com a transferência e, assim, colocar a possibilidade da elaboração”. Acrescentaríamos aqui que a potência desta repetição diferencial também está na criação no novo, no movimento criador do Eterno Retorno.

4. 3 – Repetir, criar e elaborar

Apostamos no encontro em que se estabelece a transferência como vetor da construção destas novas passagens. Freud (1914/2010, p. 205) em Recordar, Repetir e Elaborar aponta a potência da ligação pela transferência e a possibilidade de que através dela possa se chegar a impedir os atos de repetição. Com Eduardo, a dimensão transferencial possui essa marca da insistência e faz surgir uma saída possível de usar as marcas das vivências para um ir além da repetição, acessar a criação. Conforme Edson Sousa (2015), “todo o ato criativo é, em última instância, um ato utópico, pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido”.

A psicanálise, em sua dimensão ética, nos diz deste processo singular que se constrói na relação transferencial e aciona, põem em movimento, uma ação de subjetivação, de (re)construção de si no mundo.

Deleuze (1988/2006, p. 49) também nos indica que “é preciso pensar a repetição com o pronominal, encontrar o Si da repetição, a singularidade naquilo que se repete, pois não há repetição sem um repetidor, nada de repetido sem alma repetidora.”

Vemos, portanto, a necessidade, dos trabalhadores que operam nas políticas públicas de assistência social, em especial os que lidam com a adolescência e seus sintomas, essa adolescência que nos defronta com um sintoma que é do laço social, da ordem das relações humanas, da relação com o Outro e da dimensão histórica, que devemos estar abertos a escuta do sujeito, trilhar juntos alguns caminhos, construir outros. O discurso utópico ocupa este entre dois que é dado no encontro, provoca uma ruptura e engendra novos espaços ao sujeito desejante. Sousa e Matuella (2015) aproximam a passagem adolescente da função utópica, neste movimento de poder apropriar-se das palavras do passado e responsabilizar-se por uma narrativa de si mesmo.

A música de Eduardo fala de um si mesmo, raps que foram construídos a partir da relação transferencial. Testemunhos de sua própria experiência, que retorna não como ato, mas como arte.

Concordamos ainda com Sousa (2016) que coloca que testemunhar é uma forma de reconstrução da vida. Nossa posição também é de testemunha da experiência de Eduardo e nisso nos cabe suportar, deixar a palavra circular, para que o sujeito possa advir em sua posição inventiva.

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2009, p. 57)

Suportar a narrativa, suas ficções e fixações requer esse exercício de abertura ao outro, requer que deixemos de lado nossas expectativas pessoais e/ou profissionais, que tentam dar conta, através de nossa lógica, da vida de quem acompanhamos, correndo o risco de desconsiderar o sujeito. Somente buscando o esvaziamento de nossas normas e conceitos é que poderemos compor com Eduardo um espaço outro, construir novos territórios, furar os

mapas. Criar é traçar novos caminhos neste labirinto, deixar-se levar neste trânsito, que pode levar pelos mesmos caminhos, mas também neste conhecido, advir o acaso, o bom encontro com a novidade.

Podemos utilizar aqui a repetição enquanto potência, que conserva uma memória e por isso também manifesta sempre uma singularidade, neste eterno retorno, que Nietzsche apresenta como a expressão imediata da vontade de potência, que conforme Deleuze (2006, p. 28) nos explica, que significa, “seja o que se queira, elevar o que se quer à enésima potência”. O eterno retorno é um movimento que não faz retornar o mesmo geral e total, mas sim um movimento capaz de expulsar e criar, destruir e produzir, movimento único e singular, de repetição, elaboração e criação.



Trajetos e devires, a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dionisíó como o deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento. (DELEUZE, 1997, p.79, grifo do autor)

5. CONVITE AO TESTEMUNHO: PRODUÇÕES DE EDUARDO

Convidamos o leitor a apreciar e também estar nesta posição de testemunha na escuta de Eduardo. Trazemos aqui seus raps, produzidos nos encontros, neste processo de construção de um Eduardo MC e uma Mônica Ariadne. Construção também desta pesquisa, que não somente inclui Eduardo, mas compartilha com ele a experiência de ser único. Acompanha sua trajetória e sua arte.

Cada rap aqui escrito e criado por Eduardo, diz deste seu processo de apropriação e resgate de suas memórias e história. Sendo endereçados, no momento do encontro, à analista que assume esta posição de testemunha e vai também abrindo espaço para o novo. Eduardo assim acessa uma posição de sujeito do desejo. Sua música fala de seus movimentos, seus mapas e trilhas dentro deste labirinto, como ele diz em uma delas, sabendo se virar até mesmo em um beco sem saída. A rua o constitui também, lhe dá movimento.

Consideramos que a produção de raps para Eduardo, é a possibilidade dele acessar um discurso que engendra novos espaços, provocando um corte no discurso dado pelo Outro. A música lhe confere um lugar, ou um outro lugar, que pode estar entre a repetição e a diferença, entre o certo e o errado, enfim em uma posição neutra, em que não é nem sujeito, nem objeto, mas que lhe dá possibilidade de criar e transitar por novos discursos.

As letras que seguem dizem deste trajeto de vida de Eduardo, das repetições, das lutas, de fracassos e de esperanças de momentos de felicidade, do ser adolescente favelado e buscar seu reconhecimento. Daquilo que insiste e retorna. Eduardo quando canta seus raps, afirma sua vida e sua história, refere nos encontros que seus raps são conscientes, são para alertar dos caminhos errados para que outros possam fazer diferente. Eduardo tem dúvidas se ele conseguirá fazer diferente, mas em seus raps já acessa essa diferença.

Vemos esse acesso a um novo lugar de enunciação quando Eduardo se engaja em produzir suas músicas, confiando e nos entregando, para que elas componham esta dissertação. Aqui Eduardo faz parte e é autor e artista de sua história. A música ressoa as marcas que o corpo carrega, lhe dá nome, sentido e fluidez. Eduardo em seus raps parece buscar este sentido silenciado de sua história.

Conforme nos coloca Sousa (2015), “todo o ato criativo é, em última instância, um ato utópico, pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido”. Aqui a música e a escrita entram como possibilidade de narrar, de compartilhar uma experiência e criar a partir dela. Uma experiência que se compartilha, que se narra cantada. Vivenciamos a experiência.

Após cada rap cantado e escrito, informamos o leitor a inspiração de Eduardo em produzi-lo.

5.1 – A História de um vagabundo

Mãe me perdoa pelo erro que fiz, pelas fitas erradas que eu mesmo cometi.

Achava que um menino podia ser homem e fazer o que bem quer, e nada nunca entendi.

Desde pequeno, os conselhos de minha mãe de nada adiantaram. Desde moleque metia o terror: dava paulada, pedrada no gato do vizinho.

É muita ocorrência para um menininho.

Mãe queria poder te dar um buquê de flores, não uma ficha policial ou o juiz decretando uma condicional

Não tive pai pra poder me levar no parquinho. Não tive pai pra poder brincar comigo de pula-pula, pular corda, empinar pipa.

Também cresci com sonhos e fantasias, uma vida mágica era o que eu queria, mas nunca tive ninguém por perto para me espelhar.

Minha mãe nunca pode me ajudar. Meu pai não tinha um salário pra nos sustentar. Por muitas coisas eu passei, mas com nada disso me abalei.

A minha infância foi injusta, foi trocada por um oitão debaixo da blusa. Via os moleques no movimento e me tornei mais um qualquer.

O meu sonho de criança de poder ser feliz, de ter um pai por perto pra me fazer sorrir acabou.

Mãe me desculpe por não ter um futuro brilhante, por não ter te dado um presente feito o diamante.

O presente que te dei foi o mandato da corregedoria, tomando coro todo dia da polícia. Não era esse o futuro que eu queria pra mim.

É foda, mas eu cresci assim: nasci num país onde não existe lei, onde os políticos roubam também.

Tudo o que eu queria era uma chance de poder provar que não sou esse cara amargo que você tanto pensa.

Sei que trouxe muito desgosto nessa vida, quando louco de cocaína você falando: filho sai dessa vida!

Mãe me desculpe por não te escutar, sei que a tristeza faz você chorar, já trouxe muita preocupação pra você.

Te peço perdão se é isso que você quer saber, mesmo te dando mil abraços não compra o silêncio pelo erro que fiz.

Mãe, você se foi e eu não pude me despedir, a saudade bate forte no meu peito. Lembranças que ficaram na memória de recordação.

Não pude fazer nada ao ver você no fundo do poço.

Fé e esperança é o que eu mais tive de não ver você triste, sempre contente com um sorriso no rosto.

Não posso mais mudar o passado, mas posso mudar o futuro!

Essa é a história de um vagabundo!

Mãe obrigado por acreditar em mim, a minha palavra eu vou honrar, eu tenho fé e esperança que um dia esse sofrimento vai acabar.

Este rap foi sua primeira música, escrita dentro da FASE, após uma conversa que tivemos sobre a doença que levou sua mãe à morte. Com ele Eduardo começa a narrar/cantar sua história. É sua única música impressa, usada para um concurso musical dentro da instituição, na qual ele foi premiado como melhor composição e melhor rapper. Eduardo passa a acreditar em seu potencial, nós também passamos a apostar que como rapper ele possa acessar o reconhecimento e um lugar outro. Não queremos que Eduardo negue sua filiação, mas que justamente possa fazer o movimento de se apropriar de sua história e com ela produzir pequenas diferenças. Vamos com ele em busca das informações e construções necessárias. Nos encontros ele questiona os acontecimentos de sua vida que participamos, como a internação de sua mãe, o acompanhamento dela durante a gestação e nascimento de seu irmão mais novo, também questiona as desconfianças que sua avó tem quando nos

aproximamos dele, assim vamos montando uma imagem daquilo que lhe confere um determinado lugar.

5.2 - Diga não ao crime:

2,8 milhões de crianças e adolescente estão fora da escola, menores são responsáveis por 30% dos crimes no Brasil.

Aí menor, não entra nessa de ficar vendendo drogas nas esquinas, seu lugar é na escola, longe dessa vida de menor que cresceu longe do estudo, é o mesmo que rouba o playboy, que ainda sai com lucro e o início da sua ficha criminal, o pretexto da verdade é o pensamento marginal, não é nada normal, para ele ser assim, escondendo seu passado, tentando ser feliz apesar do pesadelo do passado.

(...) alterou uma família, um pouco de esperança, eu incentivo a você não entrar pro crime, eu já passei por essa fase, a vida não é um filme, não subestime, o mundo do crime, você verá que a história é bem triste.

O início de carreira, pra você tá tudo bom, arma, dinheiro, mulher à disposição, isso é ilusão, o que te oferecem é a morte. Só tá vivo nessa vida quem tem muita sorte.

Quantos que eu vi entrar, na hora da saída não consegui largar. É essa é a verdade, que o crime não compensa, para e pensa, quantas besteiras que você já fez? De tentar acertar, não erra dessa vez, esse caminho é de fogo cruzado, aonde você morre ou é condenado, diga não, aonde você morre ou é condenado, culpado pelos atos, diga não ao crime, só precisa de um passo.

Crime, armas, drogas, aí moleque, não entra nessa porta, crime, armas, drogas, larga essa vida e vai pra escola.

Crime, armas, drogas, digo pra você não colar nessa roda.

Tantos jovens hoje em dia são notícias de jornal, vítimas do crime e do preconceito racial, não é natural essa sua vida, larga a escola e vende cocaína, briga por justiça, apanha feio na vida, joga fora seu futuro na ponta das esquinas, nessa ida e vinda, obstáculo sempre tem, o crime é um labirinto e faz você refém.

Eu já sei que essa vida não vale nada, prefiro trabalhar do que ver minha mãe chorando na calada.

Um amigo de verdade te oferece um abraço, não um revólver pra roubar o advogado.

Sua infância bate concorrência com o crime, já teve na pior, ele não se oprime, seu pensamento se apagou para o mundo verdadeiro, ele vai, bola o baseado, acende o isqueiro, isso não é vida, também não é futuro, larga o seu passado e segue outro rumo, tudo nessa vida sempre tem um porque, hoje você perde, amanhã joga pra vencer, superando o sofrimento e os traumas da história, eu já passei muito tempo perdido nessa vida.

Crime, armas, drogas, aí moleque, não entra nessa porta. Crime, armas, drogas, larga essa vida e vai pra escola. Crime, armas, drogas, digo pra você não colar nessa roda.

Esta música Eduardo fez pensando em alertar outros jovens a não entrarem na vida do crime, apostando que os estudos e o trabalho formal pudessem ser um caminho possível para si e para seus iguais. Para a composição deste rap, Eduardo solicita as estatísticas de quantas crianças estão fora da escola e a incidência de crimes cometidos por menores de idade. Quando não sabemos, Eduardo no outro encontro vem com a informação, perguntou aos monitores. Eduardo se engaja e seu rap flui.

5.3 – Protesto

Sociedade negra que luta contra o racismo, já sofreu demais, passou por egoísmo, tudo isso no Brasil, sempre acontece, cadê os meus direitos, meu povo não merece.

90% dos negros brasileiros, ainda hoje em dia, sofrem preconceito. Não aceitam protesto e manifestação, em nome do negro, que droga de nação.

Mandela que lutou contra o preconceito, mostrou pra sociedade que não era desse jeito, fez a divulgação da carta da liberdade.

Política racista ainda é covarde.

O movimento negro social é a minha luta contra o preconceito racial.

Congregação hipócrita e racista, fala mal do preto e fecha portas na justiça.

A sociedade promove a desigualdade racial, enquanto o pobre o e preto ainda passa mal, a fatalidade negativa do governo, acha bonito ver o país do mesmo jeito, o preconceito só aumenta a cada dia que passa é racismo no trabalho e a justiça que nunca faz nada, O movimento negro, busca a revolução contra o preconceito e que os negros tenha seus direitos.

A lança da nação é o símbolo ante o racismo, Nelson Mandela que mostrou qual quer era seus princípios.

Sem essa de preconceito e vida separada, é um, dois, três, força na palavra. O preto sofre descriminação e o racismo é um câncer na mente do cidadão.

O meu protesto sempre vem com um objetivo é pra lutar contra o sistema e contra o racismo, brigo pela paz e justiça do meu povo, quero moderação pra viver um mundo novo.

O negro não quer só revolução, ele quer ser visto como um cidadão.

Pobre, preto, que mora na favela, este é o protesto de quem vive nessa guerra.

O Brasil não muda, o Brasil pode mudar, faça a justiça, pare pra pensar. O Brasil não muda, o Brasil pode mudar, faça a justiça, pare pra pensar.

Quando passa a se reconhecer, adolescente negro, muitas vezes vítima de racismo, passa a querer entender os processos da sociedade negra, dos homens negros, que lutaram por seu povo, se interessa em buscar informações sobre lideranças negras e faz esse rap de protesto. Pede para que lhe consiga uma biografia do Mandela, ou algum outro líder negro. Até o último encontro na FASE procuramos e não encontramos este livro. Eduardo produziu o rap e falou de Mandela e das injustiças com o povo negro.

5.4 - Sem título

Com uma lágrima no rosto, é foda pra uma mãe de poder sobreviver, criar os seus filhos e não ter o que comer.

Favela lugar de sinônimo de guerra é mais um pivete sendo morto na viela.

Lá a polícia é corrupta e a mídia nunca enxerga.

Eu sou o ME sobrevivente dessa guerra.

O gueto poderia ser lugar de paz, o mano na biqueira sempre correndo atrás, iludido pelas armas e as drogas consumidas, na favela a realidade do subúrbio não é uma novela, muitos que entraram poucos que saíram no mundo do tráfico foram corrompidos.

No início sempre foi assim, o pobre na favela não tem chance de se tornar feliz, falta muita precaução, o que a justiça pensa? Desde moleque já ganhei até sentença.

O governo brasileiro não nos representa, buscarei por paz e também justiça, povo da favela vive numa guerra que não tá perdida.

Os sonhos não acabam e a vida continua eu creio que um dia essa guerra será vencida.

Buscarei por paz e também justiça, o povo da favela vive numa guerra que não tá perdida.

O sonhos não acabam e a vida continua, eu creio que um dia essa guerra será vencida.

Sangue derramado na favela, guerras e conflitos, uma mãe que chora e fica no prejuízo.

Vendo seu barraco todo destruído, aqui não tem regime favorável, a minha favela, o povo é humilde, mas é duro na queda.

É insistente na batalha vivida, dentro da favela, quanto sofrimento, quanta impunidade. O favelado é excluído da alta sociedade.

Dignidade de trabalho, ou estrela no brasão, aqui na favela a gente vive nessa situação.

A favela junta munição para lutar contra o estado, por causa do meu povo que é sempre humilhado.

O preto na favela sempre é difamado, insultado pelos canos e visto como viciado.

Buscarei por paz e também justiça, o povo da favela vive uma guerra que não tá perdida.

Os sonhos não acabam e a vida continua, eu creio que um dia essa guerra será vencida.

No dia de sua audiência para sair da FASE, um dia antes de completar 18 anos, Eduardo canta este rap ao juiz, no momento da audiência. O juiz o incentiva em seguir no caminho de ser músico e compor raps. Esta música diz deste lugar da exclusão produzido pelo discurso do capitalismo, toca também em suas vivências de infância. Sempre que perguntávamos se os raps era sobre suas vivências, Eduardo respondia afirmativamente. E

juntos afirmávamos sua história. Em letras e sons elaborava suas vivências traumáticas, por muito tempo silenciadas.

5.5 Menino Vida Loca

O moleque tá no crime por necessidade, a sua infância não foi boa, foi vivida na criminalidade.

Uma realidade que ele viveu bem de perto, não pode escolher entre um revólver e um caderno.

Menino Vida Loca que cresceu na favela, tá na correria ganhando sua presa

Polícia sobe o morro pra prender e matar traficante, o corpo estendido, o pívete só tem 12

Pensamento de criança, atitude de bandido, nenhuma estrutura, futuro interrompido.

Já que a sua infância, ela foi mal vivida, se espelhava na base da família.

O tráfico de drogas foi a sua opção, não deu pra ser bancário, não teve sugestão.

O menor com a noção de roubar um banco, não quis trabalhar, não virou nem estudante, o seu aprendizado foi no dia-a-dia, a sua educação veio das esquinas.

Ninguém dá bola pro moleque se humilhando no farol, o seu sonho era ser jogador de futebol

Ele desviou o seu destino e começou a andar no caminho do vício.

Aí, corre perigo!

Cadê o arquiteto que a mãe tanto sonhou, ou o advogado ou o justo professor

Menino que nasceu na favela não virou trabalhador.

Logo a vida lhe mostrou a verdade e ganhou respeito pela malandragem.

A bandidagem da quebrada serviu como exemplo, não pensou duas vezes e entrou pro movimento, trilhando uma estrada que o prazo de vida é curta.

Menino Vida Loca, guerreiro absoluto

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, com esse pensamento ninguém pode lhe parar.

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, mas ele não sabe o preço que isso pode lhe custar

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, mesmo em um beco sem saída ele sabe se virar

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, as cicatrizes do passado ele consegue apagar

Menino Vida Loca que quer ser super herói, eu penso em ir pra frente, mas as lembranças é quem dói

A coroa nunca teve um bom salário, mas me criou com amor e carinho, como dizia o mestre quem planta o mal colhe espinho.

É nessas nóia que o moleque cresceu, pronto pra roubar e matar, o finado não fui eu

Talvez um burguês de carro importado que anda de Mercedes odeia o favelado

Sem oportunidade o moleque foi pro crime, caboquinho de favela, na frente do inimigo

Corre perigo, mas tá no privilégio, a resposta na favela, pretinho vida loca

Inserido, não nega com o oitão, é seu professor, o crime é sua escola

É inevitável, o moleque mudar de vida, largar o bê-a-bá do crime pra viver uma vida digna

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, com esse pensamento ninguém pode lhe parar.

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, mas ele não sabe o preço que isso pode lhe custar

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, mesmo em um beco sem saída ele sabe se virar

Menino Vida Loca, Menino Vida Loca, quer ser chefe da boca, as cicatrizes do passado ele consegue apagar.

Rap que conta a vida das ruas, as correrias, aspirações e frustrações de quem entra para o tráfico de drogas. Aqui ele toca na problemática do que lhe foi transmitido e aponta ainda a necessidade de seguir na vida loca.

5.6 Oração de um detento

A oração do detento faz a mãe chorar, a oração do detento faz malandro pensar

Humildade na prisão não se tem, só inveja, olho grande, aí mano

Com humildade você vai adiante, uns querem ser mais que os outros

Tanto faz pra mim a sua facção, não atravessa meu caminho, não pisa na bola comigo

Não sou mais que ninguém, respeito é importante do lado mal e do lado bem

Aquí a maldade sempre está de pé, mas Deus existe né, dobro meus joelhos, perante a minha agenda e faço a minha oração consagrada, peço a Deus a minha liberdade que foi tirada, com honra e glória, peço a Deus que venha com justiça, peço a Deus que abençoe minha família.

Muitos não ganham visita, outros não sabem o que é a cor de uma família, a realidade é só imaginação só, estar abandonado, dentro de uma cela fria

De uma janela estreita, eu mesmo avistei, uma pomba branca voando do leste pro sul e do sul pro leste

Foi nesta realidade que eu enxerguei a verdade, foi assim que valorizei a liberdade

Não queira ser mais um detento fazendo oração atrás das grades.

A oração do detento conquista a liberdade é pra matar essa saudade, curtir um bom momento de felicidade, junto com a família e os amigos de verdade

A oração de um detento conquista a liberdade é pra matar essa saudade, curtir um bom momento de felicidade, junto com a família e os amigos de verdade

Outro da me acordei bem cedo com vontade de chorar, pingo, por pingo de lágrimas caíram do meu rosto, vendo aquela mãe, aquela triste mãe, vindo te visitar, te dando conselho pra você parar, que volte a trabalhar e a estudar

Mãe, as escolhas foram minhas

Eu sei que isso tudo vai acabar com um filho dentro de um caixão, com a mãe chorando, fazendo oração, pedindo perdão.

O sentimento de uma mãe é mais forte de que um filho, a oração de uma mãe é escutado por Deus

Salmos, um verso, versículos da bíblia, de mil palavras que foram ditas aqui, uma palavra entrou no seu coração.

A oração do detento é a compaixão

O detento reza, busca, pede perdão, é sempre bom lembrar, saudades tem consequência né não?

O que você faz hoje, reflete amanhã, se é o bem ou o mal, reflete igual.

A oração do detento conquista a liberdade, seja no amor ou na maldade

Paz, amor, respeito, família, justiça e liberdade, todos querem ter, isso é um direito mano, pode crer

A oração do detento conquista a liberdade é pra matar essa saudade, curtir um bom momento de felicidade, junto com a família e os amigos de verdade

A oração de um detento conquista a liberdade é pra matar essa saudade, curtir um bom momento de felicidade, junto com a família e os amigos de verdade

Rap que conta como é a vida dentro da FASE. Traduz a saudade de ser livre e poder estar com quem se gosta. E também desse momento de reflexão que o encarceramento lhe possibilita.

A música virou não só dispositivo para sua enunciação enquanto sujeito, mas também ferramenta de luta e reflexão. Criou debates e interesse que antes não eram acessados, possibilitou um encontro com a história narrada, dentro de uma poética, falando de si e para além de si mesmo. E Eduardo utiliza o espaço do nosso encontro para falar, para que sua própria palavra circule e seja endereçada a um outro que o escuta. Nesse encontro advém um sujeito do inconsciente que fala e que se apresenta através da transferência, afirmando-se desejante.

Essa construção também nos possibilita a construção de outros territórios, agora possíveis, criados a partir desta novidade de se afirmar rapper. Passamos a pensar que articulações fazer para seguir. Investigamos possibilidades, escutamos outros rappers, buscamos saber como conseguiram ser reconhecidos e poder viver da música. De alguma maneira Eduardo acessou seu talento, e o vivência como arte e construção de um projeto de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Caminhando na cidade labirinto, carregamos nosso novelo constituído com a lã da ética da psicanálise, ela vai tecer os encontros com os adolescentes/sujeitos de quem nos aproximamos e ofertamos a escuta como possibilidade de produzir proteção social. Não deixaremos de buscar os direitos daqueles que encontramos, pelo contrário buscaremos lhe conferir os direitos enquanto cidadão, mas também o direito de ser reconhecido enquanto um sujeito do desejo, pois vimos que direitos e desejo precisam estar articulados. Estas posições não podem se sobrepor uma a outra. Assim, se as práticas que operam a política da assistência social lidam com os incômodos da cidade, garantir a proteção social requer estarmos próximos do cotidiano daqueles que acompanhamos e também aponta para uma posição política de provocar a cidade para olhar o que acontece com o outro que vivência a exclusão e a vulnerabilidade social. (Romanzini & Carvalho, 2013)

Vimos que nesta cidade habitam forças que nos atravessam e nos convocam ao consumo e a segregação. A função reguladora e normatizadora do Estado, enfatiza os privilégios ao invés dos direitos. Consideramos também o tipo de discurso que compõem o laço social contemporâneo, em que a vida nas cidades é caracterizada por uma massificação do estilo de vida e a valorização do imediato, ofertando cada vez mais objetos e informações descartáveis, como vimos com Benjamin, enfraquecendo a dimensão da experiência compartilhada. O discurso do capitalismo, produz esse enfraquecimento e essa massificação, produzindo como denomina Rosa (2016, p.129) “um anonimato de vida e de morte” Assim, também o discurso frente a situação de rua de adolescentes fica enraizado e cristalizado em definir os mesmos como marginais, delinquentes, aprisionados em um rótulo de intratáveis, impossibilitando a circulação da palavra e a singularização dos sujeitos. Por nos darmos conta dessas cristalizações e de ações que incidem sobre o sujeito como verdades absolutas e ver que, através dessas respostas prontas, a repetição e permanência da condição de exclusão se intensificam, nos propomos a apostar nos encontros enquanto espaços para que narrativas advenham e com elas o sujeito desejanse.

A experiência de testemunhar a narrativa e poder também sentir e compartilhar a sua força de ação, foi uma das contribuições mais significativas deste trabalho. E Benjamin é quem melhor traduz essa força

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu no meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. ... Quem escuta uma história em companhia do narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia. (Benjamin, W., 2012, pp. 221-230)

A narrativa acontece sempre no encontro, é uma experiência sempre compartilhada, diz de uma vivência que sabe rememorar e recolher o passado que foi e segue sendo transmitido. São as passagens deste labirinto, que pode ser metáfora, conforme Gagnebin (2013, p. 76), ao mesmo tempo das relações temporais (presente, passado e futuro) e das relações que a autora chama de privilegiadas, as quais “o sujeito entretém consigo mesmo pelos descaminhos do amor, das viagens, da leitura e da escrita”.

Através do fio lançado no primeiro encontro, fizemos laço com Eduardo, nisso o menino de rua se fez herói, aceitou o desafio de ser acompanhado em sua travessia pelo labirinto. Pode colocar em palavras suas experiências, nomear seus conflitos, expressar dificuldades e desejos. Apostou em sua potência e travou a batalha com o Minotauro. Foi encontrando seu talento, sua arte. Neste encontro, que produz música, este encontro com a alteridade, Eduardo pode ir do futuro ao passado, pode fantasiar e ir além da realidade, do mesmo, da repetição. Neste litoral, onde diferentes se encontram, potencializou-se a possibilidade de narrar vivências com o que foi transmitido. Nós, para poder acompanharmos a trajetória, sustentamos o novelo, vimos na psicanálise o aporte para poder resistir e insistir nesta missão com Eduardo. Tecendo encontros, encontrando caminhos e produzindo uma rede singular e híbrida, uma rede de experiências que dão corpo e voz a um Eduardo MC. E, partindo de suas ancoragens, apostar no que poderia ser projeto de vida.

Virou herói? Sim, por ter tomado contato com o seu desejo, de querer contar sua história em letras de música, encontrar seu lugar de enunciação, aqui nosso Eduardo adolescente pode criar para si uma nova narrativa, interrogando o desejo de seus pais/avó, rompendo, neste movimento e neste momento, com a repetição e alienação. E “nesse mesmo movimento, fragiliza a imagem fixa de um futuro já antecipado e torna-se autor de sua própria história”. (Sousa & Mattuella, 2015, p. 340)

Também conforme Rosa (2011, p. 92) “por meio do ato ético o herói libera seu adversário, ou seja, a disputa imaginária cai, perde o sentido”, depara-se com sua dimensão trágica. Teseu repete diversos caminhos, enfrenta inúmeras batalhas até chegar ao Minotauro e retornar para Ariadne. A cada encontro com Eduardo, histórias de suas inúmeras batalhas,

seus atos repetidos. A ética da psicanálise afirma o encontro com o real pulsional, traumático. Põem Teseu frente ao Minotauro. No mito, ele sai vitorioso, mas depois não se sabe o motivo pelo qual Teseu abandona Ariadne, fica o vazio, constata que o objeto do desejo não existe na realidade.

O sujeito é então herdeiro de uma negatividade, um não-lugar, no sentido que escapa aos discursos totalizantes e afirma sua dimensão utópica, de revelar os avessos, aquilo que fica na sombra, enunciando o enigma do desejo. Este enigma é justamente a potência que faz pensar, como se a partir de uma folha em branco, se faz possível uma posição de sujeito de enunciação. “As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante da possibilidade de um outro lugar possível, num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida” (Sousa & Mattuella, 2015, p. 343) Lembramos aqui a poesia de Galeano (s.d), citando Fernando Birri, quando questionado: para que serve a utopia?

A utopia está lá no horizonte.
 Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
 Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
 Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
 Para que serve a utopia?
 Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Acessar esta possibilidade de um outro lugar é avistar a utopia no horizonte, fazendo com que ela provoque e mantenha o movimento. Entendemos que quando Eduardo pode se ver rapper, quando ele aposta conosco nesta escrita de músicas, de dissertação, de pesquisa para Mônica e de história de vida para Eduardo, nesse momento ele acessa e afirma um outro lugar possível e, eis um dos caminhos para encontrar saídas do labirinto. O rap não é o que vai, concretamente retirar Eduardo da miséria e da exclusão, mas pode ser, para ele, o motor para tomadas de atitudes individuais, porém fundamentadas em uma referência coletiva, de um povo, uma comunidade. O rap cria movimento em Eduardo, ato utópico, o espaço de construção de seus raps, espaço de fala que nos encontros se constituem, são momentos em que o sujeito pode se reconhecer, em sua história, seu inconsciente.

Lacan (1966/1998, p. 263) nos coloca que “o que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história – ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de ‘reviravoltas’”. Nesse percurso labiríntico, nesse encontro das diferenças, construímos junto com Eduardo um espaço para suas narrativas, para a (re)construção de seu passado. Nesta postura ética, como

nos aponta Gagnebin (2009), que é de preservar a memória, resgatar as tradições, falas e imagens. Este adolescente pode entrar em contato com sua historicidade, buscar fatos e ir além deles. A pesquisa, assim, para além de afirmar uma possibilidade de saída da situação de rua, afirma a potência do encontro em que a psicanálise se insere enquanto dispositivo e ética. Consolidamos aqui a pesquisa psicanalítica enquanto produção de um saber singular, possibilidade de operar na enunciação do sujeito. Pesquisa que elege como seu campo de pesquisa a linguagem, enquanto constitutiva do sujeito e, por esse motivo, o objeto da pesquisa é criado por seu método, ou seja, depende da posição do analista, de seu desejo de analista, na construção da questão. (Poli, M. C., 2008)

A psicanálise operou neste encontro sim, conferindo-lhe potência na palavra que circula e narra um sujeito. Afirmamos que, a proposta não estava em mudar a realidade do sujeito, mas sim em possibilitar esta condição de enunciação e singularização. Exercemos o que podemos chamar, de acordo com Rosa (2016, p.31) de “intervenções psicanalíticas clínico-políticas”. Campo epistemológico, ético e político que considera a singularidade dos sujeitos inseridos em contextos de exclusão e violência. O encontro se constitui na intervenção possível de se fazer um laço com o sujeito, laço que tem por base a transferência e que tem por base restituir um campo mínimo de significantes referidos ao campo do Outro e também trabalhar na direção de articular o singular do sujeito no laço social, suas ancoragens, descobrindo o que lhe mantém vivo na rua, quais suas alianças e pontos de apoio que conferem sentido à vida do sujeito. Trabalho possível e produtor de sentidos, pois a psicanálise enquanto ética e política visa criar condições de alterações do campo simbólico/imaginário para assim favorecer aos modos resistir à instrumentalização social do gozo e à manipulação da vida e da morte no campo social. (Rosa, M. D., 2016, p. 30)

Na rua Eduardo tem sua história, e isto o enlaça, de qualquer maneira, seja na elaboração, no sintoma ou na repetição. Portanto esta saída da rua, para ele, não existe, na medida em que ela o constitui. A rua, o beco, a favela está nele, aprendemos que cicatrizes do passado não irão se apagar e sim dar condições para os próximos passos, sejam eles repetidos ou diferentes. O laço com a família lhe é fundamental, e por mais que muitas vezes ele refira que a convivência familiar é o que o leva ao crime, é impossível se desfazer disso, assim ele possui um lugar. Com o rap, experienciou um outro lugar possível, pode construir sua história, separar o passado do presente, localizando suas dores e angústias, na tentativa de inibir as repetições sintomáticas, porém, sabemos que Eduardo ainda tangencia esta sua potência,

descoberta e construída em nossos encontros, quando ao sair da FASE, retorna as ruas, retorna ao ato infracional. O laço social o impele a isso.

Ao final deste percurso de pesquisar com Eduardo, como no conto, ficamos à espera de notícias. Essa espera não é livre de angústias, nem da sensação de abandono e derrota. Sustentamos isso, entendendo que esse sentimento faz parte do afeto produzido nos encontros, das descobertas de novas possibilidades que nos movimentaram pelos caminhos percorridos e que ficamos sem saber se poderão ser trilhados afirmando uma nova condição de sujeito. Exercício de soltar as expectativas e dar passagem as coisas como elas podem acontecer. A insistência neste encontro seguirá sempre, a abertura a ele também.

Enquanto esperávamos, achamos um livro sobre a vida de Mandela, livro que ele havia nos pedido, queria alguma biografia de homem negro, que lutou por seu povo. Como num acaso, encontramos este livro, compramos pensando em um dia, quando fosse novamente possível o encontro com Eduardo, poder lhe ofertar. Durante este tempo de espera, conseguimos somente avista-lo, dormindo em uma praça, no centro da cidade. Não foi possível se aproximar naquele momento. Conseguimos porém encontrar sua avó, que após fazer críticas da atitudes de seu neto, aceita receber um bilhete nosso para que entregasse a Eduardo, na tentativa de lembra-lo de nosso contato, da possibilidade de nos buscar caso seja possível.

Até que, em mais um dia de Ação Rua, a avó de Eduardo busca o serviço por estar preocupada em não ver o neto desde o natal, não sabe onde ele está, suspeita que esteja preso. Ligamos para o Presídio Central de Porto Alegre e confirmam a detenção de Eduardo. Foram menos de dois meses de “liberdade”. Eduardo novamente em privação de estar rua, cumpre um certo destino, herdeiro do que lhe vem sendo transmitido. Agora a certeza de que algo se repete, mas dúvida e a curiosidade de encontrar Eduardo e entender o que provocou este caminho e que surpresas ele teve neste processo. Será que ainda possui seu caderno? Nós agora possuímos o texto formatados, seus raps impressos, conferindo-lhe a autoria para além do cárcere.

Agora, sabendo onde nosso menino/herói se encontra, vamos em busca de mais um encontro. Buscamos a rede, os contatos possíveis e aguardamos o momento. Toleramos a repetição, lidamos com a sensação de impotência, pensando que há diferenças, há avanços construídos. E que há um certo ou incerto tempo para que o sujeito advenha. Concluindo esta pesquisa, não temos um final feliz, mas sim uma feliz construção, um caminho percorrido. E

também o respeito e aceitação do que Eduardo possa fazer com seu destino, habitar o labirinto, lhe damos tempo. Talvez os momentos de aprisionamento sejam também a necessidade deste tempo para se constituir outro.

Deleuze (2006, p. 38) refere que o herói, da tragédia, “repete porque está separado de um saber essencial infinito. Este saber está nele, mergulha nele, age nele, mas age como coisa oculta, como representação bloqueada. ... o herói não pode representar tal saber para *si próprio*, devendo, ao contrário, colocá-lo em ato, desempenhá-lo, repeti-lo”. Vimos que o ato repetido, cria uma cena no real que encena o desejo e provoca um apelo ao Outro, na ânsia de provar a existência. Assim, Eduardo segue, nos caminhos do labirinto, saindo e entrando, dentro e fora. Nós também seguimos.

Nós éramos amigos e nos tornamos estranhos um para o outro. Mas está bem que seja assim, e não vamos nos ocultar e obscurecer isso, como se fosse motivo de vergonha. Somos dois barcos que possuem, cada qual, seu objetivo e seu caminho; podemos nos cruzar e celebrar juntos uma festa, como já fizemos – e os bons navios ficaram placidamente no mesmo porto e sob o mesmo sol, parecendo haver chegado a seu destino e ter tido um só destino. Mas então a todo-poderosa força de nossa missão nos afastou novamente, em direção a mares e quadrantes diversos, e talvez nunca mais nos vejamos de novo – ou talvez nos vejamos, sim, mas sem nos reconhecermos: os diferentes mares e sóis nos modificaram! (NIETZSCHE, 1882/2012, p. 168)

REFERÊNCIAS

Agamben, G. (2010). *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Benjamin, W. (1987). *Rua de mão única (Obras escolhidas, Vol 2)*. São Paulo: Editora Brasiliense

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas, Vol. 1)*. São Paulo: Brasiliense.

Betts, J. (2014). Desamparo e vulnerabilidades no laço social – a função do psicanalista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n 45-46, jul.2013/jun2014, p.9-19. Porto Alegre.

Brandão, J. S.(1987). *Mitologia grega. (Vol. III. pp. 149-174)*. Petrópolis: Editora Vozes.

Brissac, N.(s.d). *As máquinas de guerra contra os aparelhos de captura*. Recuperado de http://www.artecidade.org.br/novo/publicacoes/fotonovela/maquinas_de_guerra_ebook_pt.pdf.

Broide, J. (2012). Adolescência e violência: a criação de dispositivos clínicos no território conflagrado das periferias. In R. Gurski, M. D. Rosa & M. C. Poli (Orgs). *Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social*. (pp. 123-136). Curitiba: Juruá.

Broide, J., & Broide, E. E. (2015). *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções*. São Paulo: Escuta.

Butler, J. (2016). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Castel, R. (jan/dez, 1997). A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 26/27, pp. 19-40. Recuperado de: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=193>

Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis. (D. Mainardi, trad.)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1972).

Conte, B., Perrone, C. M. & Braga, E. C. (2016). *Psicanálise e intervenção no social*. In B. Conte, C. M. Perrone & E. C. Braga (Orgs). *Intervenções psicanalíticas: a trama social*. (pp. 15-27). Porto Alegre: Criação Humana.

Costa, A. M. M. (2011). *Violência, memória e saber*. In M. C. Perdomo & M. Cerruti (Orgs). *Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica*. (pp. 137-143). São Paulo: Primavera Editorial.

De Lucca, D. (2007). *A rua em movimento – experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. (Dissertação de Mestrado)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Deleuze, G. (1994) *O abecedário de Gilles Deleuze. (C. Parnet., série de entrevistas)*.

Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.

- Deleuze, G. & Guattari, F.(1997). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2006). Diferença e repetição. (L. Orlandi e R. Machado, trad.) Rio de Janeiro: Graal.
- Derrida, J.(2003) Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade. São Paulo: Escuta.
- Dunker, C. I. L., Voltolini, R. & Jerusalinsky, A.N. (2008). Metodologia de pesquisa e psicanálise. In R. Lerner & M. C. M. Kupfer, (Orgs). Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa. (pp.63-91) São Paulo: Escuta.
- Dunker, C. I. L. (2016). Paradigmas clínicos e o contexto social da psicanálise. In B. Conte, C. M. Perrone & E. C. Braga (Orgs). Intervenções psicanalíticas: a trama social. (pp. 31-71). Porto Alegre: Criação Humana.
- Elia, L. (2011) Inconsciente e cidade. In I. APPOA (Org). Psicanálise e intervenções sócias.(pp. 32-44) Porto Alegre: APPOA.
- Endo, P. (2011). Um futuro sem origem: transmissão, autoridade e violência. In I. APPOA (Org). Autoridade e Violência. (pp. 68-81). Porto Alegre: APPOA.
- Filho, D. M. N. (2011). O trauma: a pulsão é de morte? In M. C. Perdomo & M. Cerruti (Orgs). Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica. (pp. 107-119). São Paulo: Primavera Editorial.
- Foucault, M.(1999) Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1969) Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S, (1996a) O Estranho. In: S. Freud. Obras completas de Sigmund Freud. Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996b) Além do princípio do prazer. In S. Freud. Obras completas de Sigmund Freud, Vol XVIII. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010a) A dinâmica da transferência. In S. Freud. Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (P.C. de Souza, trad., Vol. 10, pp. 133-143). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2010b). Recordar, Repetir e Elaborar. In S. Freud. Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (P.C. de Souza, trad., Vol. 10, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na cultura. (R. Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original em 1930)
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In S. Freud. Obras completas: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). (P. C. de Souza, trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913)

- Galeano, E.(s.d). Para que serve a utopia? Recuperado de <http://www.contiountra.com/para-que-serve-utopia-eduardo-galeano/>.
- Gagnebin, J. M. (2009). Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34.
- Gagnebin, J. M. (2013). História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva.
- Guerra, A. M. C, Soares, C. A. N., Pinheiro, M. C. M & Lima, N. L. (2012). Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência. *Revista Psicologia em Revista*, Vol. 18, nº 2, pp.247-263. Belo Horizonte.
- Gurski, R. (2012). Massacres juvenis e paixão pelo real: o império do sentido e a discussão sobre os impasses do adolecer na atualidade. In R. Gurski, M. D. Rosa & M. C. Poli (Orgs). *Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social*. (pp. 103-122). Curitiba: Juruá.
- Kehl, M. R. (2000). A fratria órfã: o esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo. In M. R. Kehl (Org). *Função Fraternal*. (pp. 209-244). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Kehl, M. R. (2011). Sua única vida. In M. C. Perdomo & M. Cerruti (Orgs). *Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica*. (pp. 49-58). São Paulo: Primavera Editorial.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos*. (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.(Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2008). Seminário, livro:11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moraes, M. (2010). PesquisaCOM: política ontológica e deficiência visual. In M. Moraes & V. Kastrup. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Moreira, J. O. (2005). A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano “o mal-estar na civilização”. *Revista Estudos de Psicologia*. Vol. 10.
- Moreira, J., Guerra, A. M. C. & Costa, D. B. (2012). Pós-modernidade e mercado informal de drogas ilegais: o jovem na criminalidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Vol. XII, nº 12, pp.389-418. Fortaleza.
- Moreira, J. O. (2016) A Redoma e a Rosa: dilemas e possibilidades da psicanálise na assistência social. In A. L. Palombini, S. D. Torossian, A. M. C. Figueiredo & A. M. C. Guerra. (Orgs.). *Redes de atenção integral à infância e juventude: psicanálise, saúde, assistência social*.(pp.17-25). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Nietzsche, F. (2012). *A Gaia Ciência*. (P. C. Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Palombini, A. L. (2007) *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do Acompanhamento Terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Pelbart, P. P. (2003) *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Editora Iluminuras.

Pelbart, P. P. (2007) Biopolítica. Revista Sala Preta, Vol. 7, pp. 57-65. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320/60302>

Pereira, M. R. & Gurski, R. (2014). A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. Revista Psicologia & Sociedade, 26 (2), pp. 376-383.

Poli, M. C. (2005). A clínica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. Revista Estilos da clínica, Vol. XIII, nº 25, pp. 154-179. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/estic>

Política Nacional de Assistência Social (2004). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Projeto Serviço de Abordagem Social – Ação Rua. (2012). Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Reis, M. L. O. (2015). Da experiência de perda à perda de experiência: um estudo sobre o *Erfahrung* na teoria psicanalítica, na filosofia e na clínica. (Tese de doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo.

Rodulfo, R. (2012). Padres e Hijos: en tiempos de la retirada de las oposiciones. Buenos Aires: Paidós.

Romanzini, G. D. & Carvalho, J. D. (2013). Psicologia: entre correrias, adolescentes e políticas da assistência Social. In L.R. Cruz, L. Rodrigues & N. M.F. Guareschi (Orgs). Interloquções entre a psicologia e a política nacional de assistência social [recurso eletrônico]. (pp. 161-175). Recuperado em: <http://www.unisc.br/edunisc>

Rosa, M. D. (1999). O Discurso e o laço social dos meninos de rua. Revista Psicologia USP, Vol. 10, nº 2, pp.205-217. São Paulo.

Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. Revista de Psicanálise TEXTURA, n. 2. Recuperado de: <http://www.revistatextura.com/leia/umaescpis.pdf>

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. Revista Mal Estar e Subjetividade, Vol. II, nº 2, pp. 329-348. Fortaleza.

Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. Revista Psicologia & Sociedade, Vol. 22, pp. 180-188.

Rosa, M. D. & Vincentin, M. C. (2010). Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. Revista Psicologia Política, Vol. 10, nº 19, pp. 107-124.

Rosa, M. D. (2011). Traumas, heróis e resistências e psicanalistas. In In M. C. Perdomo & M. Cerruti (Orgs). Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica. (pp. 81-97). São Paulo: Primavera Editorial.

Rosa, M. D. (jun. 2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 41-42, pp. 29-40.

- Rosa, M. D.(2016). A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Rossato, L. A.; Lépure, P. E. & Cunha, R. S. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8069/90 comentado artigo por artigo. São Paulo: Saraiva, 2015.
- Saint-Exupéry, A. (1981). O pequeno príncipe. (D. M. Barbosa, trad.). Rio de Janeiro: Agir.
- Santos, M. (2013). A Urbanização Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Seabra, O., Carvalho, M. & Leite, J. C. (entrevistadores). (2009). Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Sousa, E. L. A. (Maio 2015). I margens utópicas: contrafluxos do futuro. Revista eletrônica Mesa, nº 4, Rio de Janeiro.
- Sousa, E. L. A. & Mattuella, L. A. (2015). Perturbar o universo: adolescência e utopia. In A. Cordiviola & I. Cavalcanti (Orgs). Os retornos da utopia: histórias, imagens, experiências. (pp.337-351). Maceió: EDUFAL.
- Sousa, E. L. A. (2016). Agulhas para desativar bombas. In B. Conte, C. M. Perrone & E. C. Braga (Orgs). Intervenções psicanalíticas: a trama social. (pp. 123-133). Porto Alegre: Criação Humana.
- Sousa, E. L. A. (2017). Atravessar desertos: psicanálise e utopia. Revista Psicologia Clínica, Vol. 29, nº 1, pp. 23-30, Rio de Janeiro.
- Souza, F. O. (2010) A centralidade da família no Sistema Único de Assistência Social e questões de gênero. Fazendo gênero, 9. ed. UFSC, Florianópolis/Santa Catarina.
- Souza, J.(2009). Ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Torossian, S. D. (2016). O coletivo, a convivência e a escuta. In A. L. Palombini, S. D. Torossian, A. M. C. Figueiredo & A. M. C. Guerra. (Orgs.). Redes de atenção integral à infância e juventude: psicanálise, saúde, assistência social.(pp. 27-35). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Zabala, A. (2011). Psicanálise atua no nível do trauma por meio da memória. In M. C. Perdomo & M. Cerruti (Orgs). Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica. (pp. 99-104). São Paulo: Primavera Editorial.